e-Book

REVIRAVOZ

TEXTOS.SOLOS.CURTOS

UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PROEC
Pró-reitoria de Extensão e Cultura

COMPANHIA DE TEATRO DA UFPR

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

R454 Reviravoz [recurso eletrônico]: textos curtos solos / Organização: Rafael Lorran ; Design: Thales Ferreira Panke – dados eletrônicos. – Curitiba : Universidade Federal do Paraná : 2021.
1 arquivo (115 p.) : PDF.

Publicação vinculada à Companhia de Teatro da UFPR.
Requisitos do Sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-84565-12-8 (PDF)

1. Teatro universitário. 2. Artes Cênicas – Pesquisa – Brasil. 3. Dramaturgia. I. Lorran, Rafael. II. Universidade Federal do Paraná. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Companhia do Teatro da UFPR.

CDD : 790.07

Bibliotecária: Rafaela Paula Schmitz CRB-9/1882

CORPO DA PALAVRA, ESSA PERGUNTA

... essa ficção, então criarmos um novo amor pra sobreviver a alguma morte, e escolhemos a outra calçada, e falseamos a idade, o prazer, o medo, tentamos saber da ideia de liberdade os limites da história. Mesmo essas histórias aqui, inscritas em exercício de imaginar encontros, começam e terminam sobre a carne de nossas línguas pronunciáveis, muitas. E escolhemos nomes. E que são nossos nomes? Quais falariam pelas imagens que descrevemos? E se tudo que escrevemos, coisas, dizem de nós, é porque contam de várias outras. Se se recorrem à memória recente é porque sentem do que é imemorial. E se nos falha a memória, aí também a ficção opera um milagre um mistério sobre o qual a única possibilidade de algum nós dá-se em instantes, na costura e no fogo, nisso que vivo, move.

A companhia de teatro da UFPR é composta por elencos giratórios, flutuantes, a própria instabilidade corpo. Anualmente realizamos processos de circulação/seleção de elenco para juntes desenvolvermos projetos de pesquisa e criação com duração de 12 meses. Maiores de 18, com ou sem experiência em teatro, com desejo, com desejo. E nos despedimos, para que novas projeções de futuro habitem outros corpos. 2020-2021, pandemia da covid-19, todos os encontros/meses de trabalho dessa CIA deram-se por videoconferências em plataformas virtuais. A pesquisa nessa circunstância: escrever dramaturgias curtas a partir das histórias de si que teimam falar-se, insistem, da investigação sobre a autoficção, o documentário, o biodrama, a poesia como tática da memória. O resultado experimentação é esse e-book lendolhando você, e que não diz sobre a pesquisa realizada, revela a qualidade de desaprender.

Estamos cansades. Fomos uma companhia de teatro agindo entre mídias, por reuniões em zoom, meet, tela, assombro, meses vivendo uma ideia de teatro outra coisa, habitando distâncias. E então nossa tentativa por seguir acreditando. todo olhar aqui reinventado pra nos sentirmos próximos de um fim e confiantes noutro começo, tentando inscrever uma fuga, uma fenda. Tudo aqui é autoficção. Nas páginas a seguir não estamos. um grito, uma festa triste, tentamos atravessar a margem do papel. Texto nasce pra correr. Corpo. Outro começa. Isso não é um presente, não é certeza, não é coisa que se espere da poesia, do amor ou do futuro. Não nos conhecemos. Não somos daqui. Escrevemos a partir desse pesadelo país. Ter a impressão de que já assumimos a catástrofe como gesto de criação. Querer saltar a linha, voltar-se pra ficção voltando-se para outra possibilidade de vida, descrever-se inacabamento.

Ainda corremos, ainda temos a sorte da escusa, a volta do sábado, a margem da página, a escuta. A fuga. Nas páginas a seguir podemos inclusive fugir, são escritas de passagem, assim é essa CIA. Eu, nessa função de professor diretor buscando provocar esse ajuntamento, eu me orgulho é de não desistirmos, de seguir criando em coletivo nesse brasil-pandemia 2021. Sim, há nessas formas aqui a revelação de um tempo vibrando entre a morte e a sede.

Reviravoz são palavras de elenco, vozes de estudantes. Nossos dezessete textos são falhas de conexão do wi-fi, são colegas de república chegando no meio da discussão com sacolas cheias de ovo, são câimbra, dor na lombar, coceira na perna direita mantendo olhos na câmera, são chamadas: “eu buguei pra vocês?”, “desliga o mic, por favor”, “vocês me escutam?”. nossos dezessete textos são medo de perder a conexão, falta pra fazer taxa extra no final de semana; vontade ficar, vontade de partir. Esse e-Book são palavras do corpo tentando dar corpo à palavra, fazer da universidade pública movimento e atualização, são exercícios de vibrar dúvidas na carne da voz.

Rafael Lorran

Ator, diretor, dramaturgo e professor de teatro.
Diretor de Artes Cênicas da UFPR /
Companhia de Teatro da UFPR.

SUMÁRIO

ORÍ ____ 7
majo farias

PARAGEM INALATÓRIA ____ 13
romario nascimento

CORAGEM ____ 20
rúbia rodrigues

A PALAVRA DO ANO ____ 26
silvester neto

DEDICATÓRIA ____ 33
maria veloso

DESÁGUA ____ 40
yasmin mena

ATO DE (DES)AFETO ÚNICO ____ 47
andrê francisconi

TINTAS NUM QUADRO HUMANO ____ 54
stephane bacelar

ÁFRICA ____ 60
marlon roger

JÁ FALEI DISSO (ESSES DIAS) ____ 66
mariana carreta

FÚ-RI-A ____ 72
juliana janeiro

EU, MINHA MÃE ____ 78
karime limeira

DESPEDIDA ____ 83
victor lucas oliver

INEBRIANTE ____ 90
brigitty zelinski

A MENINA DOS OLHOS TRISTES ____ 95
solaris

ESTILHAÇO ____ 101
willa thomas

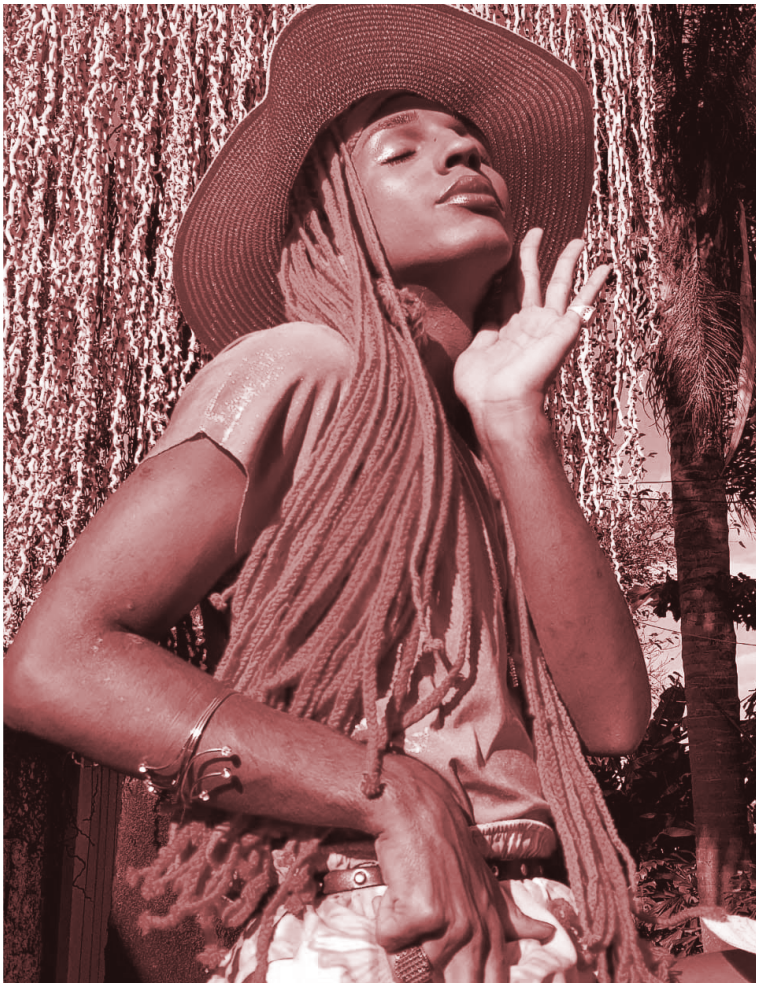
ANSEIO ____ 109
patrícia ressurreição

ORÍ

majo farias

Solidão, uma armadilha colonial. Até quando ou onde vydas são negociáveis? Invenção de afetos outros como estratégias para transbordar. Qual a potência do cuidado?

MAJO FARIAS



majo farias,

travesty preta periférica, artista do corpo e da cena, feiticeira e articuladora de segredos prósperos de vyda.

@ *majorfarias*

ORÍ

majo farias

mistérios que não são de hoje, segredos... shhhh
borram a fronteira com a feitiçaria que encontra o trabalho ancestral,
trançar, endredar, twistar... costurar,
o resgate da memória, histórias que tentam,
mas não serão apagadas,
são e estão sendo passadas por gerações,
de orí a orí, feiticeira a feiticeira,
em segredo...

Abro os meus olhos, penso sobre o agora.
O que preciso fazer agora?
É sexta de manhã, estou vestida com aquela mesma roupa, que meu pai tentou destruir, lembro de chegar em casa, abrir o guarda-roupa e encontrar várias roupas ganhadas de amigas, rasgadas, lembro do meu sangue ferver, do nó em minha garganta, da visão embaçada como se eu estivesse embaixo da água, a pressão de 10 mil oceanos esmagando meu peito. Estou sentada na cama diante do guarda-roupa, meus pés estão gelados e doloridos do treino, no dia anterior, se olho para esquerda vejo Sheila, minha cabeça de boneca, presa na mesa ao lado do meu Grand Prize da categoria de Vogue Performance. Quinquilharias espalhadas pela mesa e jumbo preto com loiro escuro, pendurado na parede, se olho para a direita vejo meu espelho, refletindo o lado esquerdo do quarto e minha imagem, inteira, ou quase?! No youtube está tocando Dilúvio...
"Quero sentir afeto
então chega mais perto
faço chover no deserto
se você precisar
Me reencontrei no escuro
to driblando o mundo
caçando um canto seguro
pra a gente se plantar..."
Lembro quando acordei pela primeira vez, Majo, com medo, insegura, perdida, ferida, disposta para enfrentar tudo e todos, destruir em mim muitas versões impostas a mim, construir novas, inventar outras relações de afeto. Decido caminhar até a porta, vou até a cozinha, passo um café, enquanto tomo meu café da manhã coloco para tocar na televisão "Um novo nome", começando a acordar minha conta rpa para um alongamento, faço meus exercícios diários de flexibilidade, determinada a zerar minha abertura de segunda e espacate, vou tomar banho, fito meu cabelo, hidrato minha pele, visto um vestido que ganhei de uma amiga muito especial em uma tentativa de me sentir perto dela, acolhida, me dou um abraço e de frente ao espelho do meu quarto...

Abro os meus olhos, penso sobre o agora.
O que preciso fazer agora?
Penso no trabalho. Encomendas, estratégias.
Lembro da lace encomendada: cabelo cacheado castanho escuro. Cachos fazendo curvas fechadas, estreitas, proximidade, caracóis encaracolados que celebram; exaltam; empoderam gerações de uma maioria. 50 cm de fibra orgânica, de fio crochê de seda, fibra orgânica vegetal, de kanekalon, de fio crochê de algodão, lã importada, 50 cm de orgulho, 50 cm de beleza. 50 novas formas perspectivas de se enxergar em frente ao espelho.

Ela fez a encomenda na quarta-feira, me disse que gostaria de receber atualizações do processo da confecção e não tinha pressa, respondi ela enquanto aguardava sentada no cartório, minha certidão retificada, prometi entregar até o final de semana, ela disse estar muito ansiosa, que seria a primeira lace da sua vida, mas que eu confeccionasse no meu tempo, agradeci pela confiança o cuidado e disse o prazer em atendê-la. Olho para o relógio e já são quatro e meia da tarde, a loja onde compraria o material da lace, fecha às cinco, lá fora parece ter começado a chover, sou chamada para retirar minha certidão e sem muito tempo para comemorar, corro pela chuva para a loja das fibras, desviando das transfo... Pessoas na calçada, consigo chegar três minutos antes da loja fechar e comprar os materiais.

Sigo para minha embalagem de lata. Lata de panetone, onde guardo minhas linhas e agulhas.
Pego a touca de renda e a bola de futebol. Preparação.
Estou no presente consciente do passado, ancestralidade, carregando a potência em minhas mãos, minha corpa, compartilho com ELA, táticas y estratégias de vida.

reflexo!

Sento-me na varanda de frente pra árvore de amora que já está quase do tamanho da casa, Minhas pernas apoiam o notebook, procurando referências de laces wig em alguns perfis no instagram. Coloco para tocar L-gante, me arrependo, troco a música pelo programa Transmissão. Minha corpa está relaxada, respirando fundo, sinto o ar entrando nos pulmões, enquanto ouço o piar dos pássaros, o dia está ensolarado e sentada na varanda consigo sentir uma brisa quente. Na minha direita deixo a bola de futebol, a touca de renda e a fibra cacheada, à esquerda o notebook e minha embalagem de lata, antes de começar a confecção acendo um xanã, enquanto assisto ao episódio com Liniker de Transmissão, fico pensando sobre uma pergunta feita no programa, como os afetos nos afetam? Quem Majo seria hoje se tivesse vivido mais afetos saudáveis? Quem você seria hoje? Eu, canceriana, ascendente em peixes e lua em áries, sentimentos intensos, "afetos" atravessados pelo racismo e o machismo estruturado, dando mais do que recebendo, preocupada em não afetar e outre de forma negativa, articulando novos afetos já que os existentes me foram negados.

Só então visto a touca na bola de futebol. Sensibilidade, carinho, gentileza com que trato seu ORÍ.

Nessa hora é preciso CUidado para não esticar a touca além do necessário, senão a costura pode ficar frouxa ou muito apertada, correndo o risco de arrebentar na hora de vestir a lace. Neste momento sinto uma conexão com ELA, como se estivesse na sua presença, o ato de fazer para travas, me faz sentir proximidade, conexão ancestral, produzindo afetos através de trocas de cuidado entre nós. Sinto a sagacidade de uma ladra que rouba do ladrão, tomando do devorador o que ele nos tirou. Armada

espiritualmente.
Trago pra perto os cachos castanho escuro, escuro como uma noite de lua nova na Savana africana, escuro, reluz, refletindo meus sentimentos mais sinceros, escuro como a tranquilidade de se estar entre as minhas iguais. Separo as telas de cachos da maior para a menor.

Procuro a linha marrom e uma agulha curvada dentro da lata de panetone.
Passo a linha na agulha, começo a confecção.

Nessa hora é preciso CUIDADO. Primeiro tem que costurar a tela maior de orelha a orelha passando pela nuca e a menor passando pela testa, contornando toda a extremidade da touca. Em seguida começar a preencher do topo para a nuca. Recomenda-se passar uma linha dupla na agulha e ao final de cada costura, arrematar dando no mínimo cinco nós, se o resultado que se espera é um bom disfarce e uma lace resistente. Uso uma tesoura para auxiliar no corte das linhas e telas, uma piranha para prender o cabelo das telas já costuradas e uma agulha curvada para facilitar a confecção.

Deposito toda minha força e afeto enquanto construo a lace, acrescentando códigos de cura em cada costura e disfarce que só ELAS acessariam. É como uma estratégia de restauração de todo afeto que nos é negado, e como diz Alessa, "o seu feminino torna-me forte e VIVA e enquanto lutamos juntas contra todas essas maldades NÃO FICAREMOS MAIS ESCONDIDAS", e nem seria possível né!

Finalizo depois de amarrar a última costura borrifando uma mistura de água e creme de pentear, antes disso é preciso verificar se o disfarce está feito, se não existe "buracos" na lace que mostrem a touca de renda. Lace finalizada. Então vou até meu quarto, meus braços alcançam o meu celular, ligo para ela e digo que a lace está pronta. Ela responde muito ansiosa e espantada com a rapidez, diz que logo pediria um uber entrega, junto da lace envio um pequeno texto escrito a mão:

"Allye, mana!!
Fiz essa lace wig para ti com muyto carinho, inclusive me veio como inspiração para a escrita de uma dramaturgia para minha aula de teatro!
Eu sempre me sinto inspirada quando estou trocando afeto entre nós através do cuidado. Entre nós travas e pessoas trans me sinto mais forte, criando uma rede de afeto entre as minhas e isso me lembra que não estou sozinha, NÃO ESTAMOS SÓ, somos muites, muitas potências de VIDA!
Muyto obrigada por me permitir vestir seu ORÍ.

Fique bem, mana!!
Majo "

PARAGEM INALATÓRIA

OU

ENSAIOS DE UM CORPO INUNDADO, QUE NÃO DENOMINEI MEU, EM MEIO A UMA MARÉ DE BORBOLETAS AZUIS VINDAS DO MAR, QUE DEVORARAM MEU PEITO

romario nascimento

Houve sensação de que o coração estava disparado, acelerado ou que havia pulado um batimento.

Ei me escuta. Essa é uma reunião deles, que perpassam minha cabeça, que assombram as paredes das linhas das minhas mãos, é um encontro entre eu e a esquina maltrapilha, que navega em meu peito, que não vira. Uma revolta deles, entre os cacos e meus pés.

Uma tentativa de não ser clichê, entre frases e pontos. Um susto que minha garganta desnudou.

Um grito. A inundação.

ROMARIO NASCIMENTO

“Sou mamífero, sortudo, sortido, mutante, colorido, surpreendente, medroso e estupefato; Sou ser humano, sou INEXATO” (Elisa Lucinda).

romario nascimento,

ator, inquieto. Curitibano. Formado em Teatro no ano de 2017 pela Cena Hum Academia de Artes Cênicas. No mesmo ano, e instituição, dirigiu seu primeiro trabalho, o curta teatral “Khirut “. Atuou em aproximadamente 15 espetáculos teatrais. Atualmente faz parte do elenco da Cia de Teatro da UFPR (2019/2021).

Pensa na inquietude, como intersecção de movimentação das palavras, das narrativas, da ação, do gesto oposto.

@romahnasc

PARAGEM INALATÓRIA
OU
ENSAIOS DE UM CORPO INUNDADO, QUE NÃO DENOMINEI MEU, EM MEIO A UMA MARÉ DE BORBOLETAS AZUIS VINDAS DO MAR, QUE DEVORARAM MEU PEITO

romario nascimento

Os pulmões ficaram encharcados, devido ao excesso de aspiração, causado pela asfixia. A Laringe ficou completamente fechada, esse é um mecanismo de defesa, corriqueiro de um corpo, após os pulmões inundarem. Devido os pulmões encharcados, a troca gasosa não funcionava mais, ocorrendo redução da taxa de oxigênio causando danos em todos os tecidos que precisavam de ar, como as células nervosas. Houve uma paralisia de um lado da face, atingindo também em maior grau o braço e perna.

Houve uma fraqueza, nos membros afetados, com alteração da sensibilidade, tontura súbita, desequilíbrio, sensação de vertigem, e dificuldade para ficar de pé e manter o andar corretamente. Houve também dificuldade para emitir ou completar frases, para nomear objetos, para saírem as palavras corretamente, e até mesmo para entender o que estava sendo conversado. A visão embaçada, com ardência, falhas do campo da visão. Houve sensação de que o coração estava disparado, acelerado ou que havia pulado um batimento.

A gente nasce, corre. Engatinha corre. Cai, corre. Beija, corre. Vira, corre. Apanha, corre. Bate, corre. Enfrenta corre. Desperdiça, corre. Vive, corre. Morre, corre. Escuta, corre. Grita, corre. Silencia, corre. Cacos, corre. Escreve, corre. Sente, corre. Cansa, corre. Inunda, corre. Parte, corre. ... A gente corre pra não...

Possivelmente essas palavras sejam sobre a minha, também, entretanto é sobre, já disse.
Eu tenho um sofá...
Eu tenho um sofá cinza carbono...
que eu nunca sentei. Minto. Minto. Enganarei. Blasfemo. Invenciono. Ficciono.
Eu tinha.
Eu tinha um sofá, cinza carbono...que não era carbono. Eu juro.
Eu juro que não. Nunca! Nunca mais, jamais. Minto, repito. As pessoas que nos visitavam, ficavam em pé. Não havia um sofá, era um colchão velho de espuma, com uma toalha de crochê amaranto, que ocultava as rupturas por mal uso, se camuflássemos tudo com uma toalha de crochê amaranto não haveria cacos. Foi assim, que borboletas azuis inundaram nosso corpo, eu não tive como...

Estágio 1: Ajoelhe-se ao lado, de maneira que os seus ombros fiquem diretamente sobre o meio do tórax, avalie se as vias aéreas estão desobstruídas testando a responsividade por meio de perguntas como "Você me escuta?"

O alarme do celular não tocou aquela manhã, não como normalmente, os latidos da vizinhança não ecoaram sobre os gatos de luz que formavam o céu aqui da rua, foi assim que borboletas azuis inundaram nosso corpo. Mergulhava enraizado no piso úmido da sala, vi você voar, mas não alcancei, foi assim que borboletas azuis inundaram nosso corpo, deveria ser proibido partir, deveria ser livre pra ficar, deveríamos ser quem quiséssemos, sem precisar correr.

Estagio 2: Abra as vias aéreas, colocando dois dedos da mão direita no queixo e a mão esquerda na testa, e estenda o pescoço (lembre- se, a cabeça não deve estar mais alta que os pés para não prejudicar o fluxo sanguíneo cerebral)

A gente corre...
Eu descia, subia, desço, subo as escadas daquela biblioteca...entre gritos. Bramidos.

~~ei, ali, não...~~

~~nas escadas não...~~

~~VIADO? aqui não.~~

Estágio 3: Verifique se ainda respira – enxerga, ouve e sente – e garanta a ventilação pelos pulmões, observando os movimentos do tórax.

"EI, A GENTE CORRE? COMO SE CORRE INUNDADO?" desejava que o mar pousasse em minhas orelhas, as abafando de qualquer som, desejava que borboletas azuis inundassem o corpo deles, enraivecidas, enervadas. Em algum dia de um ano não ficcional, experimentava um vestido cornalina de seda...

SHHH...
NÃO DEIXA ELA VER.

Colocava uma toalha branca na cabeça, e sentia...
"Ela tá vindo? "...
sentia que era outro, outro enredo, reconto, entrecho, percurso, deveria ter escrito, deveria ter sorrido, deveria ter me exibido pro vizinho da frente, que não sai da janela...

~~ei, ali, não...~~

~~VIADO...~~

~~nas escadas não...~~

~~VIADO? aqui não...~~

Estágio 4: Se houver respiração, coloque em decúbito lateral direito. Caso não haja, inicie uma ventilação boca a boca: obstrua o nariz utilizando a mão esquerda, abra a boca com os dois dedos da outra mão e realize 5 ventilações boca a boca iniciais observando um intervalo de segundos entre cada uma que possibilite a elevação do tórax, e logo em seguida o seu esvaziamento.

Deveria ter deitado no colo, contado como um vestido cornalina de seda realçava minhas pernas magras e peludas, mesmo que não acreditássemos nisso... mas borboletas azuis inundaram nosso corpo, lhe fazendo voar, é sobre... A gente corre, já disse isso. Ensaiava como dilatar em palavras a forma que me esculpia, escorria. O rabisco do traço que meu pé fazia subindo melosamente, quando eu beijava meninos. não meninas... é... era meninos. os que não olharão pra mim depois, não, não os que queriam me matar. a gente corre...

***ME ESCUTA...*

~~ei, ali, não...~~

A GENTE NASCE.

~~VIADO...~~

NÃO OLHA ASSIM.

~~nas escadas não...~~

A GENTE NASCE.

~~VIADO? aqui não...~~

JÁ DISSE, ASSIM NÃO.

Estágio 5: Em seguida, verifique os batimentos. Caso estejam muito fracos ou ausentes, é extremamente importante realizar a Reanimação Cardiopulmonar. Fazendo duas respirações a cada trinta massagens (2 x 30)

Percurso ficcional: pegaria minha mão e juntos sentaríamos na grama da pracinha, olharíamos as pernas deles... iríamos, riríamos, brigamos, mas borboletas azuis inundaram nosso corpo... Num outro ano não ficcional, experimentarei um sapato amarelo-canário 35, de salto, que cabia até a metade da minha sola 39...

SHHHHH...

ELA LOGO VEM...

Pés virados, recuarei/recuava, acho que tentarei/tentava ser maior, creio que serei/sou outro entrecho, um passo pra trás, uma sucessão deles, a gente corre. Pra não ser descortinado, encontrado, pra não ser mais um...

~~*OLHA...*~~

~~*OLHA ALI...*~~

~~*CORPO...*~~

~~*JOGADO...*~~

~~*CORPO...*~~

~~*"NOVO NEH"...*~~

Estágio 6: Com os braços esticados, coloque as mãos bem no meio do tórax (entre os dois mamilos), apoiando uma mão sobre a outra; inicie as compressões torácicas, que devem ser fortes, ritmadas e não podem ser interrompidas, é necessário manter as manobras de reanimação, lembre-se de manter aquecido.

As paredes estão rachadas, os móveis destruídos, janelas quebradas, cacos de vidros planavam pelas escadas da sala, cacos. não tinha onde sentar, não tem onde chorar. Havia cacos em meus pés, cacos. Uma inundação.
Não houve epílogo, há cacos, desabafo. Cacos
Eu só quero, a gente corre, isso eu já disse neh? Corre sob cacos. Cacos.

Estágio 7: O tempo é crucial, auxilie nos primeiros cinco minutos, porque decorrido dez minutos sem oxigenação, não conseguirá manter as funções vitais, parando completamente o funcionamento do cérebro, as pupilas não se contrairão mais, quanto expostas a luz, e não restará presença de fluxo sanguíneo na região cerebral...

Foi assim que borboletas azuis mataram nosso corpo.

CORAGEM

rúbia rodrigues

Uma menina planejada, sonhada e projetada para ser uma mulher cristã, submissa, privada do mundo real.

Uma jovem cheia de coragem que se liberta dos padrões cis-heteronormativos, machistas e cristãos que lhe foram impostos.

Uma mulher que se orgulhará da sua trajetória, entendendo cada experiência que vivenciou.

RÚBIA RODRIGUES

rúbia rodrigues,

Escorpiana nascida em outubro de 1995.
Mulher negra, lésbica, umbandista, disposta a se conhecer e se descobrir.
Divorciada, ex evangélica, o desgosto daqueles que não aceitam a sua liberdade.
Docente em Séries Iniciais e Ensino Fundamental, formada pelo Colégio Estadual Paulo Leminski.
Atriz com formação Técnica em Teatro pelo Colégio Estadual do Paraná e integrante da Companhia de Teatro da UFPR desde 2020.
DRT(0033380/PR)

@rubia_aibur

CORAGEM

rúbia rodrigues

Em um quarto escuro e frio, uma cadeira segurando a porta. Ela sentada no chão envolta por um tecido vermelho, tenta se livrar daquilo que te tira o conforto de forma inquietante. Até que o arranca com força e sente um alívio, a sensação de liberdade.
Antes de dizer “eu era curiosa”, ela subiu na cadeira, encostou a orelha na porta para tentar ouvir o outro lado, depois se sentou encolhida, e chorando perguntou: “mas e eu?”.
Minutos depois, não se ouviu mais o choro. Ela ergueu a cabeça e gritou “CORAGEM”. Levantou-se, acendeu a luz, começou a andar rapidamente pelo quarto indo de um canto a outro, tirando as camadas de roupa que a cobriam. Ela para diante da cadeira, com força e raiva, troca a cadeira de lugar. Deixa a porta livre.
Vestindo as roupas que sempre quis ela dança pelo espaço. Diminuindo o ritmo da dança, se aproxima da porta e segura o trinco. Então inicia uma sequência de abrir e fechar a porta.
Abriu e fechou.
Abriu e fechou.
Abriu e fechou.
Abriu e fechou.
Fechou.
Fechou.
Fechou.
Abriu e fechou várias vezes até deixar a porta aberta por inteiro e dizer “livre pra ser eu”. Pela primeira vez saiu do quarto para descobrir tudo que antes lhe foi negado.

- A CÂMERA TEM UM VISTA DE CIMA, ELA ESTÁ VESTIDA E MAQUIADA DE VERMELHO, ANDAR LENTO, PASSOS CURTOS E TRISTE. AS VEZES SAI DO ENQUADRAMENTO DA CÂMERA

-NESSE MOMENTO INICIA UMA MÚSICA INSTRUMENTAL.

Eu era curiosa.
Eu era curiosa, com medo.
Eu era curiosa, fui ensinada que era pecado.
Eu era curiosa, mas nunca pude demonstrar a minha curiosidade.
Eu, curiosa.
Eu, reprimida.
Eu, cristã.
Eu, moldada para ser a realização do sonho de alguém, que não o meu.
Mas e eu?
Eu, não queria ser assim.
No fundo, eu não era assim.

- ELA PARA E OLHA PARA CIMA.

Coragem.
Ter coragem.
Ser coragem.
Descobrir quem eu era.
Saber do que eu gostava.
Fazer o que eu tivesse vontade.
Realizar os meus desejos.
Coragem.
Coragem e força.
Coragem e força para estourar a bolha em que me prenderam.

-ELA SORRI E DANÇA LIVREMENTE PELO ESPAÇO

Eu fui.
Eu fiz.
Pra eles, rebeldia.
Pra mim, coragem.
Pra eles, pecado.
Pra mim, libertação.
Coragem pra ser livre.
Livre pra ser eu.

- A MÚSICA DE FUNDO SEGUE TOCANDO E ELA CONTINUA O TEXTO OLHANDO PARA A CÂMERA.

Ir pra balada.
Passar batom vermelho.
Usar a roupa que eu quiser.
Conhecer outros deuses.
Frequentar outras religiões.
Acender velas.
Abrir uma garrafa de vinho.
Fumar quando sentir vontade.
Ouvir qualquer ritmo musical.
Conhecer pessoas.
Quebrar as regras.
Dormir fora de casa.

Cortar o meu cabelo.
Não aceitar a submissão ao homem.
Denunciar o assédio.
Respeitar as minhas vontades.
Beijar mulheres.
Amar sem culpa.
Fazer o que eu quiser sem medo.
Ser dona de mim.

-PALAVRAS PARA A MULHER QUE ME TORNAREI DAQUI A VINTE ANOS:

Não foi fácil chegar até aqui. Lembra de tudo que enfrentou para ser a mulher que se tornou. Foram tantas desconstruções até aqui para se reconstruir. Diversas vezes você pensou em desistir, achando que não teria jeito, se perguntando qual era o propósito de estar aqui e questionando se realmente era necessário passar por tudo que passou? Recorda que a cada ano que passava você pensava ser o último? Muitas vezes você tirou forças de onde não tinha, hoje tenho certeza que valeu a pena acreditar num futuro possível. Agora aquele futuro se tornou o presente, foi por não desistir que hoje você é a mulher que aquela menina sonhou em se tornar.

Te agradeço, rúbia.

A PALAVRA DO ANO

silvester neto

Qual é o seu ponto de vista dessa história? Sentimentos além do carnal que movimentam um ciclo de novos deslumbres.

SILVESTER NETO

foto: Ata Hostin

silvester neto,

ator, performer, bailarino e modelo. bailarino, ator e modelo. Dançator na CIA de Teatro da UFPR, integrante do balé da artista SIAMESE. Foi destaque no festival de teatro de Curitiba 2019 com a peça “negro não nego”. Protagonizou o videoclipe “vale vale” do DJ Alok. Foi convidado a estar na série “culturando” da TV Futura no episódio “eu me sinto infinito” com o coletivo Kripta. Em 2017 teve suas fotos publicadas na revista Vogue Itália. Filho da House of Harpya conhecido na cena Ballroom como Sil Harpya.

@ silvester_neto

A PALAVRA DO ANO

silvester neto

Acordo pela manhã cansado,
os olhos fechados de sono, sensação de vazio.
primeiro penso em fome, mas é esquisito, esse vazio parece me consumir a cada segundo.
Ouço gemidos, parece choro, de onde vem?
Olho pra baixo e vejo meu amor deitado sobre mim, sobre meu peito.
Minha morte, meu amor, que faz aí?
meu corpo? é o meu corpo?
meu amor inconformado com a situação, num desespero ensurdecedor pega o celular às pressas na mesinha ao lado da cama e liga para pedir ajuda. Debaixo do meu travesseiro ouço um toque, sem perceber ele liga para mim, busca uma resposta, uma ajuda, um socorro. Grito para atender, chamo para ver no que posso ajudar, dizer que estou bem, só sinto um vazio estranho que ainda não sei o que é. Levanto os braços e respiro fundo. E nós? O que vamos fazer? Nós?
Fecho os olhos, abaixo os braços, respiro mais uma vez.
abro e de volta ao meu corpo levanto e acalmo meu amor que preocupado só pensa no meu bem estar. Dançamos juntos, massageia meu corpo, massageia meu ego, massageia meu vazio. Levanto agora mais cansado do que estava. Pego suas mãos e as beijo, me sinto seguro. Me pega pelas mãos e me leva até a cozinha onde me espera um delicioso café.
Um recomeço.

Bom dia, dia. A luz do sol no rosto, que fome é essa.
Levanto e vou fazer um café pro meu benzinho que sempre levanta à procura de um petróleo pro seu dia começar bem. Meu retorno.
Meu amor, o que houve?
Tá bem?
Seu corpo tá tão gelado, o que acontece?
Meus músculos estremecem, minhas pernas amolecem, minha cabeça ferve.
Rapidamente pego meu celular na mesinha, ligo pedindo ajuda.
30 toques embaixo do travesseiro, eu no automático, ligo pra ele
em busca de uma pergunta, um silêncio, uma indiferença se quer...
Deito sobre o seu peito, ouço o seu coração batendo
Sei, tudo vai ficar bem.
Seu corpo começa a ficar quente mais uma vez
o meu para de estremecer.
Relaxo em seu peito, respiro mais calmo.
E nós? O que vamos fazer?
Nós?
Ele levanta assustado, parece ter saído de um pesadelo.
Com os olhos esbugalhados de susto, olha, no fundo dos meus
se aquieta e sorri timidamente.
Curtimos, me atento ao seu corpo, trocamos ideias, massageio meu íntimo.
Levantamos quase sem energia. Beija minhas mãos, me sinto o mais sortudo do mundo.
Pego suas mãos, levo até a cozinha, preparo pra ele um café
minha fome só aumentou.
Depois da tensão é a fome que bate.
Mais um recomeço!

O Sol começou a brilhar.
Foi uma noite fria, é acho incrível como esses meninos não sentem frio.
Eles têm essas duas mantinhas e desde que cheguei,
confesso que não vi muitos dos meus por aqui.
O maior motivo pra luz do sol sempre brilhar intensamente é porque não existe cortina nessa casa, mas não me importo, acho os raios solares lindos.
Em cima ouço choro, fico quietinha pra prestar atenção, não consigo enxergar tudo.
Sinto um deles deitado e vejo o outro ajoelhado. Parece ele chorando, ele é o mais sentimental. Minha curiosidade, não sentiram frio? Será que eles sabem que o meu colchão está vencendo? Tenho que trocar de cinco em cinco anos ou fico doente. Será que eles lembraram disso agora? Ouço um toque de celular, algo vibra em mim, mas logo pára.
Talvez eles estivessem atrás de um colchão novo, será?
Ou talvez mais cobertores pro frio? Não sei dizer...

Podia ser mais móveis, não ficaria tão sozinha.
Ainda presto atenção pra tentar entender o que está havendo.
O que despertou minha curiosidade foi o choro.
E tem esse cheiro, toda manhã tem esse cheiro.
Queria ter estômago pra provar.
Cheiro bom!
E nós? O que vamos fazer?
Nós?
Senti uma movimentação.
Os meninos levantam, dançam, trocam carinhos
voltam pra cima, trocam energias como nunca tinha sentido antes.
Esses meninos são ... diferentes
talvez ESSE seja o AMOR.
Eles saem do quarto bem felizinhos, espero que tenham ido atrás do meu novo colchão
e que tragam o cheiro bom aqui pra perto de mim.
Me deixaria muito feliz. Seria o meu recomeço.

Tenho observado esse casal há algum tempo.
São 6:03 da manhã e definitivamente não gosto dessa claridade,
acaba com a minha visão.
Confesso que esse casal é o mais lindo que já vi,
confesso que os observo pela janela do meu quarto, de frente para a janela deles.
As vezes saem do banheiro nus, eu sinceramente queria agarrar.
Não precisa ser os dois, pode ser só um, depois o outro, um trisal pode ser uma possibilidade,
mas primeiro é descobrir o nome dos vizinhos.
Não, não me acho um perseguidor nem nada,
mas eles não sabem o que tão perdendo.
Um deles levantou, esse sempre levanta antes,
faz o café enquanto o outro dorme até mais tarde.
Eu, preguiçoso que sou, com certeza estaria dormindo.
Um café quentinho na cama, uma delícia, embora não me importe de levantar e fazer.
E lá vai ele todo formoso pro quarto.
Esses meninos são umas delícias.
Uma vez os vi com perfil de casal no APP,
ferveu meu sangue de uma forma... como posso dizer.
Delirante.
Porque ele tá chorando?
Será que vou bater na porta?
Será essa a chance de conhecer os vizinhos?
Quero poder ajudar, estar lá acariciando a cabeça dele.
Quero os dois e não precisa ser ao mesmo tempo.

E nós? O que vamos fazer? Nós?
Parece que tudo se acalmou. O outro levantou meio brusco, pesadelo será?
Quem sabe. Eles dançam bem. Que pegação gostosa.
Isso, isso pega ele safado, que tesão.
Droga, viraram pra cá.
Será que me viram? Será?
Poderiam me notar,
seria um recomeço.

DEDICATÓRIA

maria veloso

Substantivo feminino

1. inscrição afetuosa que marca um presente ou lembrança, como livro, retrato etc.; dedicação.

peço licença ao seu coração. dediquei a elas atos, afetos, ações registradas do meu olhar carinhoso e delicado de quando me deixei permitir amar e ser amada por outras mulheres.

MARIA VELOSO

maria veloso,

Atriz, preta e do Vale do Ribeira. Escrevo e canto por onde passo. Percorrendo a vinte e quatro anos dentro da minha própria interpretação.

@mrrveloso

DEDICATÓRIA

maria veloso

ATO 1 - Faço de tudo que vem a seguir um texto para mim, á elas, a todas.

Vou dar uma festa. Como surpresa enviarei convite a todas elas. Receberão endereço e horário. Na entrada será entregue bilhetes, nos bilhetes estará escrito o ato, seu nome e uma dedicatória. Cada ato a seguir diz sobre alguém que assim que, assim que foi, deixou e levou coisas. Ao final da festa dançarei com elas. Com as que vierem, as que quiserem dançar.

ATO 2 - À Juliana, com quem me perdi, me encontrei e a quem escrevi e registrei todo meu amor.

Guardo a carta, guardo o andar lento de quando acordava, guardo as gotas de chuvas que se fundiam ao seu rosto pausadamente. Guardo sua empolgação. Guardo seu coração atado ao meu. Guardo comigo a carta que você deveria ter lido. Dezessete do mês sete de dois mil e dezessete, janela inteiriça, café gelado. Achei uma carta em uma caixa hoje, uma carta guardada em uma caixa. (lendo a carta que escrevi dia dezessete do sete de dois mil e dezessete). Essa carta não carrega ódio e nem deve ser lida com os sentimentos transcritos nos versos. Essa carta um dia foi esperança no nosso meio, sem cobranças.
A carta:
deito no afogar do seu silêncio.
perdida no andar dos seus passos.
deitada no dengo dos olhares seus.
espero você vir.

eu quero esquecer você onde te faça lembrar.
árvore seca da natureza que sobrou.
canto dores e desamor.
preciso te dizer do olhar das janelas que me causam dor.
voltar para cor dos seus olhos em dias que que a saudade me visita.
incendiada de suas fumaças, perto do seu aconchego que não quero mais.
me afagar naquilo que você chama de cuidado seu.
equilíbrio da safadeza e melancolia.
tão frágil quanto, desse amor raso.
é o nosso fim.!!
não me procure novamente em seus braços.
entrego e deixo na existência dessa carta todo meu amor.
(cantarolando) Sei bem a dor que é sofrer desse jeito assim. Sofri a dor mais profunda (imensa, excessiva, desmedida, demasiada, intensa, extensa, acentuada, carregada, marcada, pesada, cavada, aguda, encovada, viva, forte, violenta, arraigada, enraizada, duradoura, complexa, importante, significativa) foi quando vi ela partir. Ah, que sofrimento, prepara o argumento para falar quando ela voltar e ver tudo aqui dentro. Mas quando ela voltar eu vou me arrumar, colocarei a roupa já do nosso casamento. Sofri ao ver partir, sofri ao ver partir, sofri ao ver partir a dona do meu sentimento; guardo toda confusão, guardo todo momento, guardo comigo a carta que não consegui te entregar a tempo.
escrevo, às quatro e cinquenta e quatro de uma tarde, de minha janela dá pra ver as casas ao lado, pipas no azul do céu com rabiola feita de sacola do supermercado. Esse ato todo, não só a Juliana, escrevo às pessoas que assim como eu, tenham cartas que não foram entregues, memorias que não queiram esquecer, sentimentos que não vão se arrepender. Não me arrependo, não peço perdão. Escrevo como quem, um dia amou tanto algo que foi tudo em vão.
Dedico além da carta a canção Sonho, de Caetano Veloso. À Juliana, que adorava me ouvir cantar.

ATO 3 - Manu, a quem tocava músicas o tempo todo em um ukulelê amarelo.

Hoje eu te dedico junto a esse ato uma música. Lembro de quando me apaixonei por ela. Tiramos uma foto antes mesmo de saber o nome. Trocamos olhares a festa toda, dias depois esses olhares percorriam pela minha casa.
Havia uma dança calma, via você. havia calor, via você. havia medo, via você. me via desengonçada, via você. Passava por flores, via você. Sentia sua respiração de encontro com a minha respiração, via você. nem vi você chegar. deveria ter dito o que não disse antes de ir.
Tuyo- *sem querer*.

ATO 4 - À Mariana, que me chamava para ir aos botecos e entrelaçava nossas mãos em qualquer ocasião.

Tinha muitas plantas em casa. Aos domingos além de colocá-las no sol preparava sempre um prato diferente e por isso o almoço saía tarde. Depois saía pelas ruas até me saturar dos líquidos nos bares, buscando encontrá-la; voltava escutando Brasílio Itiberê no walkman velho. Um CD que ela ganhou no seu primeiro dia de estágio e acabou esquecendo quando se foi.
gostava de assistir filmes em casa e quando saía, sentada numa mesa de bar sua mão se entrelaçava com a minha enquanto ríamos e eu fazia graça para meus amigos. nossas confusões e atritos eram sobre meus nãos ditos. Lembro-me da última vez que aceitou sair comigo. Me ofereceu um drink, me contou como tinha sido seu dia e depois se deitou comigo com a condição que eu estaria ali pra ficar.
Depois que você apareceu, apareceu também não só você. E desse desenrolar das coisas estávamos nós, num conjunto de talvez, eu, nós, eu e você, nos, eu talvez eu e ela, nós, eu, ela você, ela talvez, ela eu e você.

ATO 5 - À Rafaela que me ensinou a amar o meu corpo; a quem me ensinava truques na cozinha e sobre a malandragem da vida.

Esse ato vai para ela que um dia riu quando disse sobre o que tinha pensado. você estava correta, devidamente correta em rir. Estava louca e não notei a bobeira que disse, você estava certa. Você consegue entender que você estava bem, no sentido de correta, verdadeiramente bem em rir? Foi exata, correta, devidamente certeira em rir. Quantas pitadas de sal você colocaria se fosse para ser feito um arroz que não ficasse salgado? ou você pega um punhado e joga fazendo um formato engraçado com as mãos? ela se dava muito bem cozinhando e minha única implicância era com a taça dela, sempre vazia. E eu, ao invés de encher, ficava atenta em ver como a faca rasgava tão rápido uma cebola com ela na cozinha. Sobe! vamos fumar enquanto o forno está sendo aquecido. quer? Acendo o cigarro com ela me olhando e esperando sempre a resposta.
Alguma coisa acontece quando se espera de você, alguma coisa acontece quando se espera perceber que o medo e as lembranças são coisas que atrapalharam a nossa confiança. Sexta-feira e tudo se perdeu.
Esse ato também vai a outras Rafaelas, não só as que me relacionei ou a quem dediquei esse ato, e sim a todas as rafaelas existentes aqui, em nossa memória.

ATO 6 - À Carol, a quem me quer livre, segura, do jeito que sou.

Por ela eu faria 3x mais o trajeto de ônibus pelas manhãs.
Por ela eu iria engarrafar todos os líquidos que dividimos para tomar de novo e de novo.
Por ela tardes que nunca acabam.

Por ela, todas as vírgulas.
Com ela, todas as noites, nossos corpos cobertos em colchas de retalho.
Com ela, todas as fotos bordadas com textos.
Com ela, todas as canções da duda beat.
Nós, todos os mares.
Nós, num amor livre.
Por nós, teríamos uma casa com sacada, pé de limão no quintal e três gatas.
Pra nós, o amor não tem nome.
À ela, dedico esse ato, vários outros textos, todos os meus abraços.

ATO 7 - A mim mesma, fazendo todo o trajeto de ônibus pelas manhãs.

Talvez a falta que me faça seja porque meu corpo pede. Não sei do que ele sente falta, não sei porque ele sente falta. resolvi escutar meu corpo depois de muito tempo ignorando-o. Continuo acordando cedo e fazendo todo o trajeto do ônibus pelas manhãs. Lá fora e aqui dentro continuam dançando juntos, em uma outra constância, continuidade.

ATO 8 – A todos que um dia sentiram, fizeram existir, aos que se saturaram de líquidos e fizeram partir.

A todos que de uma janela viram seu amor passar. Que de todas as casas viram seu amor repousar, que te todo afeto imaginou que era o lugar certo e decidiu ficar. Aos amores pesados, passados, a quem viveu de amores rasos, amores livres, amores frustrados, amores perdidos, amores divertidos, longos, curtos, rápidos, a quem viveu paixões, desejos, paqueras, a quem teve imaginações e inquietações somente pelos olhares.
Às que magoei. Às que acariciaram minha gata, às que me dedicaram música, às que caminharam descalças ao meu lado, às que descoloriram meu cabelo, às que me deram cartas, às que acabaram comigo, às que fingiram estar, às que fugiram. Às que me magoaram.

A outras que me relacionei, Sara, Nayara, Ariely, barbara, Deyse, Su, Luísa, à Roberta que quebrou a porta do meu quarto tentando me ajudar. Às que fizeram de meus sentimentos uma morada, do meu corpo uma pousada, dos momentos, o momento.

A esse texto, às cartas, a elas e suas versões, a quem citei, as, os, elus que virão, a mim.

Meu estado corpo, estava, esta, deixei, levei, aqui.

DESÁGUA

yasmin mena

Encontro e desencontro de minhas versões em diferentes momentos. Dúvida, choro, silêncio e mar. É tudo você(s). Fica, sente, tenta e dança. É tudo nó(s). Volta, respira, mergulha e sorri. É tudo eu.

YASMIN MENA

yasmin mena,

cantriz de 22 verões, sem formação acadêmica, que foi resumida a apenas caos nesse cenário pandêmico. Prazer, Yasmin: resistindo por meio da arte desde criança.

@ *yasmin.mena*

DESÁGUA

yasmin mena

sede.

Eu vou me arrepender de alguma coisa? Vou olhar pra trás e sentir que não fiz tudo o que deveria ter feito? Vou sentar em um sofá meio velho, com cheiro de cachorro misturado com o de mofo, talvez. Ou será que nem existirão mais sofás de dois e três lugares?

“Queria tomar um café, será que meu estômago vai doer?”

E eu estarei sentada em uma espécie de poltrona tecnológica no canto da sala que acabara de ser limpa por alguém responsável por manter minha casa habitável, já que eu mesma não consigo fazer mais nada além de sentir fome de 4 em 4 horas e saudades dos velhos tempos?

“Já nem lembro mais o timbre da minha voz, só a escuto fraquinho no momento em que dou bom dia pra vizinha da frente. Que saudades ainda sinto da Pérola, ela abanaria o rabinho pra mim todos os dias e eu só queria aquele pelinho macio pra me fazer companhia”.

Alguém irá me visitar com uma frequência maior que mensalmente? Terei alguém pra me visitar?

“Pode entrar, mas tira o sapato. Não tem bolo, os meus nunca dão certo. Mas tem chá, aquele de erva doce, sabe?”

Ou por algum motivo muito bom vou estar rodeada de plantas, outras “Pérolas”, porta-retratos com boas memórias, vou ouvir minha esposa:

“amor, vem assistir aquele programa de reforma que a gente gosta!”

E quando me der vontade de olhar as fotos de família? Eu vou chorar de saudades

“como eram gostosos os velhos tempos...?”

Ou

“Obrigada meu pai Ogum por me manter forte pra seguir até aqui, só posso agradecer pela família linda que tenho.”

Como meu “eu do futuro” irá lembrar desse sentimento que me permeia agora, no meio dessa pandemia, sem esperança?

“nossa, como eu pensava besteira quando era jovem”

Ou vai me acolher em meus braços da alma e me mandar de lá aquela mensagem típica e estranhamente confortadora

“vai ficar tudo bem”

Ela irá me dizer algo como:

“POR FAVOR, NÃO FAÇA ISSO QUE ESTÁ PENSANDO AGORA!?”

Ou irá me dizer:

“NÃO SE AUTO SABOTE, É ESSE O CAMINHO, VOCÊ SERÁ FELIZ!?”

O que ela vai pensar dos meus vinte e poucos anos?

“Um desperdício, mulher. Negue se tem coragem.”

Ou será mais para:

“você está fazendo seu melhor, não está? Por qual motivo sua cabeça vai pesar no travesseiro a noite, se essa é a verdade?”

cachoeira

Câncer. O câncer já era dela antes de ser. Ele veio determinado pelo dia e hora em que ela nasceu, apesar de ser 99% leonina. Leoa. Protegendo seu habitat e enfrentando qualquer ameaça contra qualquer um que se abrigue perto dela. Sempre se arriscando pra que todos fiquem bem. Gigante. Se não for pra ser gigante, ela nem começa. Força. Mulher. Mãe. Leoa.
Não tô preparada pra ficar sozinha. Não sozinha, sozinha. Sozinha sem você.

Atlântico

Qual é a verdade, afinal? Dizem que pensar e pensar e tanto temer o futuro chama-se ansiedade. Ela sempre vem. Ou talvez esteja o tempo todo aqui e às vezes me esqueço. Ansiedade. Será que eu ainda vou me lembrar dessa palavra quase diariamente do meu sofá velho ou da minha espécie de poltrona tecnológica? E esse hábito que criamos de dar nomes às coisas...Calada demais, chorona demais, “crescida demais” passei por coisas que até pouco tempo eu não sabia como nomear. Hoje, sabendo cada um desses nomes, só consigo sentir ainda mais... Meu sofrimento não era só meu, não era coincidência, não foi por acaso... Quantos nomes serão atrelados ao meu quando

eu parar pra pensar em mim? Ou simplesmente quando eu precisar me apresentar pra algum novo rosto em minha vida? Existirão novos rostos em minha vida? Ou vou apenas lembrar saudosamente da época em que eu ainda tinha disposição pra tentar?

"Tentar". Que paradoxo essa palavra é pra mim. Às vezes é tanto e pro outro... foi isso que você sentiu aquela noite em que me olhou no meio da rua e disse que seria a última vez que eu ouviria aquela frase de você? Quando você chega ao seu limite tentando agradar e pro outro chega como se você nem ligasse? Acontece, sabe, é tudo sobre expectativas. Mas eu aprendi uma coisa, dividir as minhas com alguém que me veja. De verdade, sabe como? Olhe-se, enxergue sua beleza não descrita no espelho. Sinta-se pelo olhar, seja o suficiente pra dizer se vamos embora ou permaneçamos aqui. Expectativas alinhadas geram o que eu vivo buscando.
Re-ci-pro-ci-da-de.

chuva.

(Nesse bloco, as "réplicas" são ditas em off durante a cena).

Eu terei você? (Provavelmente não). Você é tanto... Não quero ter de dizer que "você foi tanto". Hoje sei de tantas coisas. (Eu não sei nada). É tudo que me permito aos vinte e poucos anos. A única coisa que tenho certeza que vou fazer, é amar. (Será?) Eu vou amar todos os meus dias até lá, (lá onde?) até os que eu odiar, eu vou procurar o amor. (Por que? Ninguém procura o amor por você.) Eu vou amar a mim mesma (quem exatamente?), o meu corpo (jura?), eu vou amar aos meus (isso você já faz). Eu vou amar o lugar onde pertenço (ah, por favor), sendo ele da alma ou da rua. (De onde mais seria?). Eu vou amar os meus sentidos, vou amar o meu choro seco e o meu choro de mar que afoga. (Não mentem quando dizem que você é chorona). Eu vou amar até essa pandemia que não consigo descrever a sensação horrível de prisão em que ela me coloca. (Não vai não e você não precisa, ta tudo bem odiar essa bosta). Vou amar ter sobrevivido a esse caos, a esse inferno, a essa doença que acabou [quase todas as vezes] com a vida de todo mundo. (Você só vai ser grata por estar viva mesmo e isso já é bastante). Eu vou amar ter quase morrido no escuro de 2020 e de novo, na luz de 2021. (o que te fez pensar que teria um ano tranquilo pra variar um pouco?). Porque eu tenho certeza que isso tudo vai fazer de mim alguém "melhor". De novo. (Pois é, de novo. De quem é a culpa agora?). Mais uma vez em que uma dor vai virar sinônimo de força. (Ou fraqueza). E eu vou amar estar lá pra contar tudo como algo que já passou. (Ou esconder tudo no maior baú que encontrar há 7 palmos do chão). E eu vou entender o propósito de tudo isso. (HAHAHAHA). Nem que eu mesma venha de lá até aqui, nesse espaço tempo chamado divagação, pra me dizer que o propósito foi e continua sendo aprender a "amar melhor" até o fim dos dias. (Como faz isso mesmo?).

mergulho

Você esteve comigo todos os dias. Não sei se ainda está ou se irá permanecer... Às vezes eu digo "cansei"... De mim? Não sei... o ano era 2013 e tudo ficou distante de repente. Eu não consegui ver mais nada. Me perdi de algo ou alguém. Fui pra muito longe de mim e quis ir embora. Tentei muito. Uma, duas, cinco. Perdi as contas... Sei que foram mais de dez. Onde você estava? E se eu tivesse conseguido? Relaxa, AGORA não precisa mais pensar em despedida, eu não consegui. Por sorte ou azar, você continuou comigo e olha onde estamos agora? Uma pandemia mundial...
(Silêncio. Muda a postura e não é possível saber se está pensando alto ou falando com alguém.)

Ouvi dizer que esse negócio acontece só uma vez a cada 100 anos. Isso, pandemia. Azarada da porra viu... te contá. Imagina as crianças da família no futuro: "ô tia, como que era na época do covid? A professora me contou que todo mundo andava de máscara e ninguém podia abraçar" tu ia contar isso como? Eu não sei viu, nem sei se esse negócio vai mesmo ter fim. Às vezes eu penso que chegamos naquele negócio bíblico que de tempos em tempos geral surta achando que vai rolar. Eu sempre achei que se isso fosse possível, ia ser tsunami. Sério, pensa. O planeta é basicamente só mar, se for pra dar merda, a gente tá ferrado né? Cara, sério, imagina que tosco a gente morrer sendo o Bolsonaro o presidente? De-plo-rá-vel. E pensar que eu ainda nem conheci São Paulo direito... (Volta pra um suposto diálogo, fala mais mansa) Viu, você está se cuidando? Não, não tô falando de máscara, álcool. É outra coisa. Você se vê? Enxerga sua tal beleza não descrita no espelho? E aí enxerga o quê mais? Ah, verdade, você tá fazendo terapia. Eu só fiquei pensando mesmo... Que bom que tá se cuidando né? Mas e aí? Vai, me conta o que está acontecendo? Como nada? Esqueceu que te conheço? Está escrito na sua cara. (Se exalta). Tá e você continua fingindo que seus problemas não existem e...? (Silêncio, respira fundo) tá bom, me desculpa. Eu não gritei não, eu só... Para, eu não te acusei de nada não... Ah qual é também, foi isso que você aprendeu comigo? Que saco. (Dá de ombros e desiste da conversa por um momento). Eu não ia dizer nada, mas você aprendeu exatamente isso, né? PORRA NENHUMA, vai ver é isso que eu significo pra você... (Bufando em silêncio). Ei... não vai não tá? Desculpa. Me desculpa.

Eu vou tentar de novo.

"Tentar".

ATO DE (DES)AFETO ÚNICO

andrê francisconi

É uma viagem paradoxal, de quando num lapso temporal, uma criança teve um pão como passagem pro futuro. Ela viaja por todos os registros do que ainda pode acontecer até se dar conta de que algo já aconteceu. Algo que pode ser eu.

ANDRÊ FRANCISCONI

andrê francisconi,

Uma byxa não-binária nascida em Foz do Iguaçu - PR, a tríplice-fronteira. Graduanda em Artes Cênicas pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Atriz/Ator. Transformista. Cruzando novas pontes, sendo a da vez a escrita, numa tentativa de não mais ser descrita (em obras e TCC's), discreta (na vida) ou escrota (consigo mesma).

@ gusteps

@ magentacanterlot

ATO DE (DES)AFETO ÚNICO

andrê francisconi

Corra! Corra muito! Não entenda! Entenda, eu entendo. É injusto que o seja assim.
Dividir esse futuro com uma criança é ruim?

1. Quando se é menos da metade de uma vida inteira.

É outra ela.
Todo dia ela chegava e fazia uma breve avaliação.
Às vezes ela dizia que eu tava indo bem. Outras que faltava um pouco mais de... Contato!
Sempre que possível ela me explicava como executar melhor aquela coisa que eu, mesmo aos 15 anos de idade, não tava muito acostumado.

Pra esse ato eu escrevi um poema. Diz assim:
Quando se é menos da metade de uma vida inteira.
Toda grande mentira não passa de uma curta brincadeira
De um menino correndo,
Pulando de galho em galho
Dançando com o tempo.
Travestido em um lúdico abandono de lucidez.
Ele corre pro desconhecido.
Nunca viu calor, nem sequer deu sorriso
Ele apressa o passo
sente um estranho amasso
descobre que não é de aço
amolece e se faz fácil.
Desata um nó, refaz um laço.
Foi assim que descobriu o que é estar num abraço

O problema? A descoberta é só premissa, o começo de um começo. Eu ainda tô aprendendo até hoje.

Fim de Abraço.

> Dentro desse corpo pequeno há realidade. Tem nessa criança um pouco de "ela" e nela um pouco de mim. Sei que o que disseram pra ela é que essa premissa é feia, assustadora. Mesmo que seja sua vontade, mesmo que seja sua falta, mesmo que seja o futuro. Pega essa fissura e reorganiza tudo!

2. Quando chovia e trovejava

No primeiro encontro eu dei uma cabeçada na testa dele. Então a gente foi embora. No segundo, quando eu dei a licença pra segunda tentativa de um primeiro beijo, ele segurou minha cabeça com tanta força que dava pra sentir o medo que ele tinha de que eu fosse dar outra cabeçada. Eu tremia tanto que mal conseguia respirar. Quando chovia e trovejava, ele ligava pra me acalmar.

Eu nunca fui o único, nunca pedi por isso, doía, mas tava tudo bem. Amar dói tanto, que não é à toa que a única casa que caía e se levantava tantas vezes era a que se chamava "Pra amar tem que doer". Felipe sabe, ele que montou essa casa comigo

Mas esse ato ainda é sobre outra pessoa, e o relampeio com o ele desse ato era sempre um "eu sou de todo mundo" acompanhado de um "mas você é só meu". E mesmo que a trovoada passasse, o agora era sempre um eterno "deixa pra depois".

Pra esse ato, eu cantei uma frase: Olha, toma o tempo que for pra resolver isso aí, *mas não demora o coração tem hora pra parar de bater por você.*

O problema é tudo! Mas pra ser sincera, bate um pouquinho até hoje.

Fim de Chuva.

> Nessa estrada há vários viajantes. Arruma todas as vontades, desembarga todas as bagagens. Faz essa visita. Emerja nesse lugar, ainda vão ser anos, todos eles, todas elas, trabalhando no que te fez só, no que te faz sã, no que vai te fazer... Por que ela tá chorando?

3. Quando o segundo pequeno andou

O primeiro pequeno se perdia no meio de toda aquela gritaria. Me dava colo, mas não conseguia conter tudo aquilo, me acolhia em um ato de resistência, de memória, mas o fazia só.

Eu queria fugir, junto do primeiro pequeno. Me culparam pela falta de dinheiro, pela falta de comida, pela falta de amor, pela possibilidade de muito mais dar errado.

Foi quando o segundo pequeno chegou, pra somar a força do primeiro. Gritar ou culpar era perder a possibilidade de ver primeiros feitos. Quando o segundo pequeno andou, foi de quarto em quarto, quase como numa convocatória. Era frágil, todo mundo queria moldar, todo mundo queria ser moldado por.

O primeiro e o segundo pequeno salvaram em mim uma vontade que eu nem sabia que tinha de viver, de sonhar, de crescer, de ver crescer.

Quando eu fui, eu pude ir feliz, eu pude ir sabendo de novo como dizer Eu te amo pros meus pais e pros meus pequenos, e dessa vez sentindo tudo isso de verdade.

Mas doeu, doeu muito ir.

Pra esse ato, eu cantei um outro poema:

Como pode cada pequena gotinha de afeto
ser um abraço-tempestade pra esses teus olhinhos
A gente ria trovoadas
todo curto raio de ócio
era uma nova risada

eu vou sentir uma falta de poder ver
a íris do seu olho arqueando
toda vez que começa a chover

as suas manchinhas dançando
enquanto canta uma música de palavras inventadas
e depois entra correndo pela porta, deixando a casa toda molhada

Eu te amo mais do que talvez você possa prever
e espero que não veja minha falta e presença como desdém
Eu quero tanto te ver crescer
Mas quero tanto crescer também

Um único problema: Tá muito cara a passagem...

Fim de um passo.

> Deve ter olhado pra mim e pensado: MONSTRO. O que é isso? Tá suja de barro, tem fome? Ela pra mim uma criança com fome se questionando se eu sou... Você quer um pedaço do meu pão?

Eu devia ter uns, 5 ou 6 anos. Uma tia minha tinha um restaurante de estrada, onde vários caminhoneiros e viajantes paravam pra jantar. Às vezes, durante as férias, a gente arrumava todas as malas que cabiam no carro, e todas as vontades que cabiam no peito, pra ir fazer uma visita. Num desses dias eu entrei no restaurante e saí chorando.

Brinquei o dia todo sozinho no barro. Criei tantas histórias que nem lembro pra contar. Quando anoiteceu eu entrei no saguão e vi uma figura sentada. Tinha xuxu e usava batom. O verde acentuava o vermelho. Respondia por inúmeros nomes.

Eu imediatamente olhei pra ela e pensei: MONSTRO. Como é feio. Como é feia! Eu não quero ser assim quando eu crescer. O que é isso?

Eu encarei ela por tanto tempo que ela percebeu. Ela olhou pra mim, de cima a baixo, olhou pro sanduíche que tinha nas mãos, com a cabeça e um sorriso de leve acenou: "Quer?". Ela olhou pra mim e disse: "Você quer um pedaço do meu pão?"

Eu tava sujo de barro. Eu tava suja de barro. Ela tava pintada de batom. Eu pra ela, uma criança com fome. Ela pra mim a solução da minha fome. E eu perdendo tempo me questionando se ela era...

— O que eu sou hoje?

Eu saí correndo e chorando. Eu chorava muito. Eu não entendia o porquê, eu entendia que eu tinha sido injusto e que se o meu futuro fosse dividir um pão com uma criança com fome, por que parecia ser tão ruim assim?

A estranheza daquele corpo era pouca na realidade. Tinha nela um pouco de mim, e, em mim um pouco de "ela". Mas pra essa criança, o que foi dito sobre o corpo dela, é que o que há dentro dela é feio, é assustador; mesmo que seja uma premissa do futuro, mesmo que seja uma vontade pro futuro, mesmo que seja o que te falta pra um futuro. O que eu ativei foi um mecanismo de defesa, espelhado no que eu aprendi sobre ataque. O que ela ativou foi uma fissura, uma reorganização do espaço-tempo-confusão que eu apresentei.

Quando foi que essa força toda se perdeu? Quem me matou? Quem me negou alguma coisa que talvez teria sido fundamental pra que eu fosse alguma outra coisa no dia de hoje? Quem me permitiu demais ao ponto de doer tanto assim a falta que a falta me faz? Eu sei que amar se aprende. Eu sei que amar dói. Eu sei que amar custa, e custa caro.

E se o meu futuro está numa passagem final pra uma súbita viagem, eu faço ela pro passado.

Sento na mesa de um restaurante de rodovia.

Peço um sanduíche ou qualquer coisa que tenha pão.

Espero ali um menino sujo de barro entrar.

Quando ele me olhar.

Eu vou oferecer todos os atos e desatares que eu tiver em mãos.

E quando ela chorar vai ter entendido tudo que o futuro tem reservado pra ela.

Tudo que pode ser...

Retrato.

TINTAS NUM QUADRO HUMANO

stephane bacelar

Tintas num quadro humano é escrito pela atriz Stephane Bacelar, cuja história se trata de sua autobiografia na escrita de Biodrama-texto teatral documental. No texto retrata-se sobre o ensino das artes como a pintura e o teatro, transformou suas primeiras experiências em poesia na sua trajetória de vida.

STEPHANE BACELAR

stephane bacelar,

Atriz independente e palhaça, formada em Teatro Bacharelado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA-AM). Atualmente faz parte da companhia de Teatro da UFPR elenco/2021.

@ stephanebacelar

TINTAS NUM QUADRO HUMANO

stephane bacelar

(Cena 1 - *A atriz está de pé no centro do palco. Veste de branco. Uma foco é aceso no centro*)

Pinceladas num quadro branco, pintando de
Cima
Para
Baixo
Todos pintando juntos um quadro, eu ali, olhando para tela.
Sendo coberta por tinta verde.
Vejo que aos poucos está surgindo uma paisagem,
em um espaço verde.
No fundo, me imagino naquele lugar,
quando pintei minha primeira tela.
Cima para
Baixo,
De baixo
Para
Cima
Esse movimento se repete, até a tinta acabar.
Acabou!
Depois, mergulha-se num pote cheio de tintas e volta a repetir os mesmos movimentos.
Queria ter feito mais do que aquilo, até hoje, não lembrava daquele dia.
Meu primeiro contato não lembrava que era assim.
Às vezes não lembro de nada. (pausa)
É como se eu quisesse esquecer, por que? (pausa)
Agora isso não importa.

Naquele tempo, não estava sozinha, estavam todos juntos compartilhando o mesmo quadro. Eu estava naquela imensidão de primeiros contatos.
Se fechar os olhos posso sentir aquela imensidão! (pausa)
Mergulho naquela sensação voltando ao passado (pausa) posso sentir o cheiro de tinta que pairava pelo ar, consigo ouvir os risos, lembro-me até a voz da professora explicando sobre a técnica de pintura, lembro também de uma sirene bem alta que interrompia a aula: o sino da merenda toca e acabou!

Até a próxima terça!

Isso era o que a professora falava.
Ela era uma mulher baixa, usava óculos e, em todas as suas aulas falava sobre o problema de alergias intensas que tinha. Lembrei dela, minha ligação com o quadro verde.

(toca o sino)

Até a próxima terça!

(As luzes se apagam)

(Cena 2 - Acende a luz rapidamente)

No passado, não fazia ideia que aqueles momentos eram os mais puros e ingênuos momentos.
Agora estão guardados em mim, naquele vai e volta,
Cima para baixo,
de baixo para cima

(pausa)

Não faz muito tempo.
Mas outro dia me lembrei de quando entrei para o teatro, era muito tímida, não falava muito, mas sempre gostei de ser uma observadora.
Na entrada do auditório via-se paredes pretas, poltronas vermelhas, piso de madeira.
Ao fundo havia um palco italiano com belas cortinas vermelhas, típico lugar teatral.

(respira fundo fechando os olhos)

Me imagino naquele lugar novamente.
A primeira vez pisando num palco de teatro, não imaginava estar ali, uma SENSAÇÃO de frio na barriga se misturando com aquela vontade de sair correndo dali de cima para baixo, de baixo para cima, respira, calma, respira, fica, respira, pensa, respira e VAI...
Um passo fora da coxia e estou em cena. Improvisando algo sobre bruxas que voam com suas vassouras mágicas...

(Atriz improvisa algo com público e sai de cena)

Isso não durou nem 20 segundos! (risos)
Nesse momento me senti aguada. (pausa)
E se realmente eu saísse correndo? E se eu não tivesse coragem? e se o medo me dominasse, EU estaria aqui hoje? (pausa)
Agora isso não importa. Fiz de novo! (risos)
Se pudesse voltar no tempo faria tudo isso novamente, fui uma tela crua, sendo coberta pela profundidade das artes.
Apagaria algumas das memórias profundas das minhas incertezas com a tinta branca opaca, renovaria pintando novamente com as cores mais vibrantes que fui sendo pintada na trajetória do hoje.
Talvez eu exagere nas palavras, mas...
Deduzir que somos um QUADRO, sendo pintado por variações de cores e suas pinceladas, nos faz ser nossa própria obra!
Eu sinto que as cores primárias são as marcas que levamos no corpo que se sente
movendo
De
Cima
Para
baixo,
de baixo
para cima.
Para
a esquerda,
Para a direita,
de cabeça
para baixo,
seguindo por um
caminho curvo,
redondo,
plano,
Declive
Aclive

Você já se sentiu assim? É como se fosse um turbilhão de cores nos pintando a todo momento.
Somos movidos pelas sensações. Descobrindo, moldando-se, adaptando-se, sendo pintados. Sendo levados para algum lugar.
Absorvendo sua função de uma tela humana.
Os primeiros contatos são significativos, marcaram o corpo

de cima
para baixo
e de baixo
para cima

sendo pintado de várias formas.
É como se todos os dias uma nova cor surgisse e de repente: rosa, azul, lilás, verde, amarelo, laranja, vermelho. E por aí vai se misturando e se transformando em outras novas cores.

Que vai de Cima para baixo e baixo para cima.

ÁFRICA

marlon roger

O redescobrimento do EU, depois da fragmentação causada pelas inúmeras flechas.

A reintegração dos diversos elementos a partir das colagens mostram as minhas origens africanas.

MARLON ROGER

foto: Eduardo Ordone

marlon roger,

Ator, modelo, artista visual, mestre em Microbiologia (UFPR). Uma pessoa intensa que reflete sobre os enigmas da vida, minhas palavras surgem da simplicidade e me permitem criar poesias. Por isso, em cada palavra existe uma parte de mim, sorrisos, lágrimas, gritos, silêncio, dor e amor...

@ marlon.roger98

ÁFRICA

marlon roger

BLOCO 1 - A CAUSA: AS FLECHAS QUE MARCAM O CORPO

(parado, olhando fixamente para a câmera, usando roupas brancas com manchas vermelhas) A dor que marca a alma sem uma gota de sangue é angustiante, causa paralisia, falta ar, sufoca, as lágrimas não vêm e as palavras desaparecem. (pausa) Quando surgem, as palavras podem ser a brisa... Suave e muitas vezes são tempestade, são quentes, raios de Sol ou frias, inverno... elas machucam ao mesmo tempo que confortam, causam sorrisos ou estão conosco em nossa solidão (andando para vários lados, está confuso, angustiado) 5 anos? Sim, 5 anos! Era 5? 5, 5, 5 anos, tão pequeno, ingênuo, começando o contato com o mundo! 5, 5, 5 anos? Sim, 5 anos! (pausa repentina) Palavras são rápidas, flechas, impossível sair ileso... (pausa) 5 anos? Sim, com 5 anos levei a primeira flechada, uma sensação péssima, e depois de um respirar, meus olhos se enchiam de lágrimas, salgadas, mar... (aumenta o tom de voz e a velocidade gradativa, conforme o texto se desenrola, com indignação) Depois, vieram mais flechas, mais palavras, só aumentavam com o tempo! Sangue? Não, nenhuma gota de sangue! Não conseguia desviar, não conseguia!!! Eu estava exausto, cansado, não queria ser eu, olhava para o espelho e... (suspira profundamente) Estava confuso, perdido, não me encontrava mais ao ponto de não me reconhecer... 5 anos, 11 anos, 13 anos, 15 anos, 18 anos, 23 anos... Quantas flechas? (pausa) Tantas que não pude contar... (falando consigo mesmo) Não perca essa inocência, seja forte, olha que sorriso lindo, você é tão inteligente, não se esconda, você é tão valioso e raro, único!!! Acontecerão tantas coisas, conhecerá novas pessoas, sorrisos, aprenderá a lidar com o caos do mundo, não será somente dores, mas haverão mais flechas que transpassam o corpo... (pausa) Meu corpo carrega a intensidade, a força, a ancestralidade, a poesia, a arte, as histórias, as cicatrizes... (pausa e começa aumentar a velocidade gradativa das palavras)

As cicatrizes, flechas rápidas, tão rápidas, sangue? Nenhuma gota, tantas marcas que não consigo contar, não consigo!!! Padronização, solidão, não me reconheço, onde estou? Quem sou? (pausa repentina, olha para a câmera e fala em tom baixo) As lágrimas são sangue! (aumenta o tom) As lágrimas são sangue! (fala mais alto) As lágrimas são sangue de uma alma ferida pelas palavras que são flechas... (tira a camisa suja de vermelho).

BLOCO 2 - A IMAGEM: FICÇÃO INTERNA DE JATA

(sem camisa, olha fixamente para a câmera) Estou perdido... (pausa) A padronização... Desintegro a cada segundo... Cada parte se despede sem olhar para trás! Meu propósito é saber... Quem? (dúvida) Intensos pensamentos consomem e me torno refém, solidão! É sufocante (respiração ofegante), as colagens novamente integram os elementos que compõem! Elas mostram a origem. A cada segundo transformo, mais próximo de onde vim, reencontrando. Sinto um calor ardente que queima, aquece, um abraço (suspira). Aqui é lindo, sinto uma energia que transborda. Quero que você veja o quão lindo é aqui! Quando vejo o pôr do sol é algo fascinante (sorriso). Me transformo para vê-lo, agora tenho um longo pescoço (coloca um colar formado por anéis típico do povo Ndebele no pescoço, que simboliza fidelidade). O Sol ilumina minhas manchas escuras, noite... E por um minuto me sinto beijado! Bocejo e percebo que agora tenho uma enorme boca. A água do rio é refrescante, depois de um dia quente e escaldante, foi merecido! O Sol começa a despontar e timidamente sorri. Minha barriga começa a roncar, estou faminto! Avisto lindas listras pretas e brancas, feroz! Minha juba, toda minha imponência. (pausa e impressionado). Recordo!!! Nas minhas veias correm... (pausa e reflexivo). Neste momento as cores se misturam... (faz listras brancas e pretas no corpo, as listras brancas são típicas do povo Kikuyu, o mais populoso do Quênia). Faço silêncio, o meu rosto vermelho agora são pinturas faciais (pinta o rosto de vermelho, o rosto pintado de vermelho é típico do povo Xhosa, esta tinta é obtida de um lugar chamado Qabimbola, que significa barro vermelho no rosto). Lágrimas escorrem no meu rosto e a brisa suave me consola! As lágrimas tornam-se pretas e os respingos viram pintas escuras (desenha lágrimas pretas de guepardo). Agora corro tão rápido, vocês sentem o vento? (se desloca rapidamente, parece estar dançando). Eu pareço voar sobre a terra (dá um sorriso). Rapidamente me canso, repouso embaixo de um baobá (para). Me sinto pesado, tenho toneladas, abano minhas orelhas enormes e regulo minha temperatura. E a solidão vai embora momentaneamente. Os outros integrantes da manada chegam e compartilhamos, um fúnebre ritual. (olha fixamente para a câmera) Você não sente falta de algo? Lembra daquele olhar? Daquele toque? Daquele sorriso? Não se lembra? Lembro, meus escuros olhos são enigmas. E me recordo de tudo. Tenho certeza, sinto-me leve, nuvens no céu, raios de Sol pela manhã! Cada elemento que me compõe, peculiaridades, cada traço, detalhe. (tom de voz aumenta) Eu recordo, EU!
EU baobá, EU sorrisos, EU animais africanos, EU savana, EU alegria, EU realeza, EU povo Surma, EU povo Ndebele, EU povo Xhosa, EU povo Mursi, EU povo Kikuyu, EU calor ardente, EU África, e grito:

- Elenco no palco, elenco no palco em 2 minutos.

Vamos contar a história sobre a beleza africana e do menino Jata, a estrela celestial! (música "Laidu" da cantora maliana Rokia Traoré é tocada e começa a dançar).

BLOCO 3 - A AÇÃO

(depois para de dançar e olha fixamente para o público) Jata, um lindo menino do povo Mursi, o significado do seu nome é estrela celestial! Faz todo sentido, ao considerar o seu sorriso largo, brilhante. As suas reflexões são profundas, tão intensas, são o calor africano. Jata reflete sobre tudo, sempre procurando um propósito! Às vezes, o jovem garoto se sente perdido, procurando se encaixar nas vastas terras africanas! Então, ele tem uma grande ideia!!! Tenta se passar por diferentes seres. Avista um grande baobá e decide ser um! (congelado em uma pose marcante). Ficando imóvel e apenas sentindo o vento em sua face, depois de horas se cansa e adormece, o lindo pôr do sol o acorda com um beijo. Enquanto boceja, vê uma manada de elefantes, mas logo percebe que é muito pequeno e fraco, entristece. O garoto avista uma girafa e fica imaginando ter um pescoço tão longo semelhante às mulheres do povo Ndebele (olha para cima para ver a girafa). Parece que Jata se imagina ser qualquer coisa, mas menos em ser Jata. Então, frustrado, o menino volta para casa e seu pai diz ter um presente para ele. Mas rapidamente percebe a tristeza do menino, que questiona o pai sobre quem ele é. O pai então entrega seu presente, uma flauta de madeira. Jata fica empolgado com o presente e tenta começar a tocar, as primeiras tentativas foram péssimas, mas agora o garoto está feliz. O novo sempre chamou sua atenção e seu pai o convida para mostrar uma coisa. Pai e filho saem pela floresta, na qual veem várias árvores e flores amarelas e roxas. Seu pai pede para colocar as folhas e flores sobre o seu cabelo (coloca flores e folhas características do povo Mursi, um dos povos mais valentes e corajosos do sul da Etiópia). Eles andam pela floresta e chegam ao rio com uma linda cachoeira. (senta-se e medita, sons de animais, o vento) Vocês sentem o vento, escutam os animais, o som da cachoeira e o abraço da mãe África? (olhos fechados e depois os abre). O pai pede ao filho para tocar flauta e uma linda música é tocada por Jata, os lábios soprando o instrumento o fazem sentir como se expandisse sua boca em ar, tão linda e chamativa igual as das mulheres do povo Surma (toca a música "Tongo Tongo" na flauta doce, "Tongo" tem origem Yoruba, povo da África ocidental, que significa "o mais honrado"). O pai carinhosamente diz que, somos lindas notas da flauta, e fazemos parte de uma linda melodia... E fala para o filho olhar o seu reflexo na água do rio. Jata fica impressionado (olha para baixo e depois fixamente para câmera, congelado, música "Tongo Tongo" cantada começa tocar baixinho). Você faz parte de mim, Jata, compondo uma magnífica unidade, você é o aroma das doces flores, você tem as lágrimas de guepardo, o vermelho da caça dos leões, as pinturas faciais do povo Xhosa, você tem as pintas escuras das girafas, a paciência de um baobá e a emoção de um elefante, você é o calor da savana, nas suas veias correm o sangue de reis e rainhas, seus ancestrais, sua descendência, você é Jata, tem o sorriso de uma estrela celestial, nunca esqueça de quem você é, você tem a beleza da África!!! (música "Tongo Tongo" novamente toca com um volume mais alto, são feitas poses e a cena termina no rosto com os diversos componentes, sendo as flores, folhas, colares e pinturas faciais, dos diferentes povos africanos já citados)

JÁ FALEI DISSO (ESSES DIAS)

mariana carreta

Já quis amar e ser amada sei que sou pela família e por minhas aliadas,
Mas quando penso "romanticamente" sei que é outra parada. (penso)
Esse solo é uma tentativa de me visualizar,
Até porque não quero cair em outra emboscada (Repete)
Da minha mente criativa e abusada.
E você não quer cair em uma idealização minha (um padrão?)
Que certamente vai ser frustrada.
Quem é que quer cumprir com mais uma expectativa?
Dentre a exceção e regra (estrutura), nesse caso, é sobre a regra, quem eu quero amar e por quem sou amada?

MARIANA CARRETA

mariana carreta,

Bacharel em artes cênicas pela faculdade de artes do paraná – FAP (UNESPAR). teimosa, criativa, arisca e curiosa.

@ *marianacarreta*

JÁ FALEI DISSO (ESSES DIAS)

mariana carreta

(Há um jogo com as rubricas ao lado do texto, que podem serem lidas como texto ou apenas rubricas de ação)

(O cenário é uma cozinha incompleta com uma mesa e uma garrafa térmica, quatro cadeiras, um fogão onde ferve uma chaleira de água e um pequeno armário com uma tv de tubo pequena em cima. Mariana entra em cena, carrega um pacote com pó de café, ela abre o armário e pega um pote branco escrito "açúcar", ela despeja todo o pó de café dentro do pote, pega 3 colheres desse pó e coloca no filtro)

no outro dia me veio bem de encontro,
pareceu até dejavú
repeti aquela frase
degustei cada palavra.

ontem, enquanto estava passando um café, comentei com meu amor sobre você *(entrando em cena)*
das vezes que tentei fugir e obviamente não consegui
da vida antes de você, *(colocando água da torneira na chaleira)*
de nós.
parei, pensei, senti e voltei *(acendendo o fogão)*
isso porque sou uma semente sua
sim, lá atrás você me plantou, regou e eu brotei *(colocando pó de café)*
logo de cara já me apaixonei
pensei sobre você sob a luz da lua,
o quanto eu queria que você me tivesse como tua.
falei pra minha mãe sobre você *(desligando o fogão e passando o café),*

coloquei uma música bem alta na caixinha
tocou black alien e eu bem que tentei não perder a linha,
lembrei de tudo que vivi em sua companhia *(alcançando a xícara de café)*,
de todas as vezes que me senti *(uma pausa rápida)*
as vezes que me senti um pouco mais...
eu.
contei histórias nunca vividas *(num gole)*
ou então eu não sei ainda,
você me faz querer dar frutos *(mais um gole)*
plantar e regar outras sementes *(coloca a xícara em cima da mesa)*
do seu jeito e do meu.

no outro dia me veio bem de encontro,
pareceu um dejavú
repeti aquela frase
degustei cada palavra

- "Quero te dar teatro, uma paixão e o risco de viver; com os olhos cheios e o coração em paz" (falando pausadamente cada palavra, degustando mesmo)

eu nem precisei mais de outro *(mais um gole de café),*
ao invés disso conheci mais de você
e consequentemente, mais de mim também.
não queria falar romanticamente de nós *(numa cadeira com os pés na mesa)*
como se não houvesse problemas além dos nossos *(se ajeitando na cadeira)*,
como se eu não conseguisse desatar outros nós
não queria *(posso?)* amar o teatro como se não houvessem b.os,
que aliás são tantos
queria fazer, plantar, regar, crescer
mas também quero receber,
poder ser?
poder viver para além do "ser"
mas de qualquer forma... *(respira fundo)*
tem sido difícil despejar minha fé em outra coisa que não você. *(blackout e toca um sample do black alien)*

(O cenário é uma cozinha incompleta com uma mesa e uma garrafa térmica, quatro cadeiras, um fogão onde ferve uma chaleira de água e, um pequeno armário com uma tv de tubo pequena em cima. Mariana entra em cena carregando um pacote com chá de camomila, ela abre o armário e pega um pote branco escrito "café", ela despeja todo o chá de camomila dentro do pote, separa um punhado e coloca no infusor.)

no outro dia me veio bem de encontro
pareceu até dejavú
repeti aquela frase
degustei cada palavra

ontem, enquanto estava passando um chá, comentei com meu amor sobre você,
das vezes que tentei fugir e obviamente não consegui
da vida antes de você *(colocando água na chaleira)*
de nós,
parei pensei senti e voltei *(acendendo o fogão),*
isso porque sou uma semente sua

sim lá atrás você me plantou, regou e eu brotei *(colocando a camomila no infusor de chá)*
logo de cara já me apaixonei
pensei sobre você sob a luz da lua
o quanto eu queria que você me tivesse como tua!
falei pra minha mãe sobre você *(desligando o fogão)*
coloquei uma música bem alta na caixinha
tocou black alien e eu bem que tentei não perder a linha *(despejo a água no chá)*
lembrei de tudo que vivi em sua companhia *(alcançando a xícara de chá)*
de todas as vezes que me senti *(uma pausa rápida)*
as vezes que me senti um pouco mais...
eu.
contei histórias nunca vividas *(num gole)*
ou então eu não sei ainda
você me faz querer dar frutos *(mais um...gole)*
plantar e regar outras sementes *(coloco a xícara em cima da mesa)*
do seu jeito e do meu

você cresceu bem aqui na minha mente, *(e eu peguei a sua xícara de cima da mesa)*
alugou um apartamento na minha cabeça
mudou os meus planos à beça *(joguei tudo fora)*
mas eu se fosse vocês não caía nessa *(lavo minhas mãos)*
a ideia é tanta que...
eu pintei o sete! *(pego um pano)*
me apaixonei mas porque te inventei
bem-aqui-na-minha-mente *(eu seco minhas mãos)*

preciso de um tempo *(andando de um lado para o outro)*
o suficiente pra te destruir *(encostada na bancada)*
e reconstruir em outro alguém.
tô te criando faz tempo *(escrevendo um bilhete)*
mas ainda não encaixou em ninguém.

no outro dia me veio bem de encontro,
pareceu um dejavú
repeti aquela frase
degustei cada palavra.

não quero mais te criar em outro! *(larguei a caneta)*
à partir daqui *(amasso o bilhete)*
se é rumo ao desconhecido eu tô dentro!

no outro dia me veio bem de encontro, *(falando como quem já repetiu milhares de vezes)*
pareceu um dejavú
repeti aquela frase
degustei-cada-palavra. *(pau-sa-da-men-te)*

(saio de cena)

(Mariana sai de cena.)
Luzes não se apagam.

FÚ-RI-A
SUBSTANTIVO FEMININO
. MANIFESTAÇÃO DE FUROR.
. MÁXIMO GRAU DA AGITAÇÃO DO ÂNIMO IRADO.
. ÍMPETO DE CÓLERA, DE RAIVA.
. ATAQUE DE LOUCURA FURIOSA.
. [DEPRECIATIVO] MULHER DESGRENHADA.
. VIOLÊNCIA (DAS COISAS INSENSÍVEIS).
. [FIGURADO] INSPIRAÇÃO POÉTICA
. VELOCIDADE E VEEMÊNCIA (NA AÇÃO).
. [MITOLOGIA] CADA UMA DAS TRÊS DIVINDADES INFERNAIS DA MITOLOGIA ROMANA.
. ESTADO DE PRONTIDÃO PARA INCENDIAR BANCOS, PRÓPRIO DE QUEM MORA NO BRASIL
. COISA IMATERIAL QUE SE CARREGA ENTRE OS MÚSCULOS
. FAÍSCA QUE CRESCE RAPIDAMENTE QUANDO ABRIMOS SITES DE NOTÍCIAS
. RESPOSTA PRA QUANDO ALGUÉM PERGUNTA: "COMO VOCÊ ESTÁ?"
. MONSTRO CAPAZ DE DEVORAR UMA PESSOA POR DENTRO
. FORÇA CAPAZ DE DEVORAR UM MONSTRO
PALAVRAS RELACIONADAS: FUROR, FURIOSO, ESTRO, MOMO, IRA, SANHA, BRASIL, 500MIL E
CONTANDO, CEGUEIRA
FRASES COM A PALAVRA FÚRIA:
"CUIDADO COM A FÚRIA DE UM HOMEM PACIENTE" (JOHN DRYDEN)
CUIDADO COM A FÚRIA DE UM CORPO
CUIDADO COM A FÚRIA DE UM POVO
NÃO SEI MUITO BEM COMO LIDAR COM FÚRIA
TENHO NO CORPO UMA BOMBA PRESTES A EXPLODIR
FÚRIA É O QUE NASCE NO CORPO DE UM PÁSSARO PRESO

juliana janeiro

Texto-corpo que veio do meio do apocalipse Brasil. Fluxo de expulsão, delírio pra ninguém, futuro, passado, presente, tanto faz.

palavras afiadas demais, mas tudo vai sair.

JULIANA JANEIRO

juliana janeiro,

Bacharel em artes cênicas pela UNESPAR, investigo o lugar onde as fronteiras das linguagens artísticas se borram; a literatura, a dança, as visualidades, as materialidades, e todo tipo de arte de ação.

@ juliana.janeiro

FÚ-RI-A

juliana janeiro

(Mudarei os móveis de lugar)
Aqui a vida vai acontecendo acontecendo.
Queimei coisas numa fogueira pequena no meu quarto e por alguns dias ficou um cheiro
Como se diz,
De cartas queimadas palavras fuligem listas de compras bilhetinhos mecha de cabelo
(baterei palmas várias vezes para espantar alguma coisa para longe)
fiz isso porque ando me sentindo furiosa e não sei
bem
como lidar
com fúria
as vezes penso que sou eu dentro do meu corpo mas é ela
animal preso
Precisei ver o fogo destruindo algumas coisas.
Em mim os tempos vão se misturando futuro presente tanto faz
Dançar tranquila dentro de um bar: Passado
Os móveis trocados de lugar: Futuro
ando me sentindo furiosa as vezes quase nem controlo
meu corpo
(Riscarei a parede como se estivesse tatuando alguém)
Você sente alguma coisa mudando? O corpo, os pensamentos, a cidade?

(Eu aprenderei a dizer coisas que precisam ser ditas e não me importarei se forem duras demais)
Pergunto porque ando passando muito tempo sem ver ninguém e não sei se sinto coisas completamente (coletivas) completamente (particulares) ou algum lugar entre esses dois pontos
Você sente que
passado presente futuro parecem um conceito distante?
Sou agora uma vontade de sair na rua gritando quebrando coisas vidros
de carros vitrines
As vezes penso que sou eu dentro do meu corpo
Mas é ela
Vou impor meu completamente particular no completamente coletivo da rua
Transformarei a cidade em uma versão maior da fogueira que fiz, farei isso:
jogarei tinta nas casas sangrarei pela cidade gritarei felina
coisa indomesticada assustarei as pessoas
(Correrei sem ter onde parar)
Vou perguntar GENTE VOCÊS TAMBÉM ESTÃO FURIOSOS?
Você vai dizer "PODE PARAR O PÚBLICO FOI TODO EMBORA"
Mas eu não vou ouvir
você só existe no passado
A rua vazia o público todo morreu
Vocês também estão furiosos???? O público todo morreu!!!
Não sei muito bem como lidar com
fúria
É um sentimento que precisa de muito alimento pra nascer e mesmo assim ando furiosa a meses
porque vivo no Brasil as vezes dentro do meu corpo eu penso que sou eu
mas é ela
a quanto tempo será?
Não sei
os tempos se confundem
Sei disso: não vou segurar NADA
as palavras fluirão
Não vou segurar meu corpo
(Movimentos repetidos)
E na minha cabeça vai ecoar sua voz dizendo PODE PARAR PODE PARAR O PÚBLICO TODO MORREU mas minha cabeça vai estar comigo no fluxo de expulsão
Algumas coisas vão agarrar-se
a mim tentando resistir

Alguns pensamentos secretos, palavras afiadas demais
Mas tudo vai sair
Tudo vai sair como uma enchente pela rua, os sons invadindo as casas, o público foi todo embora, nem você me ouve mais mas não é sobre você, meus restos flutuando, meu corpo em carne viva, eu quase vazia, a fúria, a fúria, (mudarei os móveis de lugar), meus gritos no futuro como um feitiço, (esticando o corpo), elétrica, (dedos, lábios, dedos, lábios), você-passado indo embora, o presidente morto, a cidade em chamas, passado presente tanto faz, meu corpo será uma multidão completamente enfurecida, nada intacto, do meu dentro sairá um som tão alto que deus vai acordar, eu não perdoarei deus, o asfalto quebrado, as raízes se debaterão embaixo de mim como um polvo vivo, a terra vibrando: mil manadas de búfalos correndo, AQUI UM FUTURO, meu coração em chamas, todas as palavras vão se desfazer como uma costura, serei imensa imensa imensa, urano em aquário na casa 1, prédios em estado de demolição, *(dedos lábios dedos lábios)*
(Correrei para o fim. Respirarei pausadamente.
Terminarei essa cena como uma mulher adulta com um filho de 4 anos esperando o ônibus. Como alguém que precisa acordar muito cedo. Como um pescador. Terminarei a cena como alguém que morreu um dia antes do apocalipse portanto não o presenciará. Terminarei a cena como uma criança que ainda não sabe bem quem é, mas sabe o que não é. Como se sentisse saudades. Como alguém que vai se apaixonar hoje, antes de escurecer. Terminarei essa cena como uma calçada vermelha de sangue depois de uma operação policial na favela. Terminarei a cena como se deitasse na grama. Terminarei a cena como se olhasse pela janela. Eu terminarei a cena, meu corpo não).

EU, MINHA MÃE

karime limeira

Uma idealização conflituosa,
expressão/jogo entre afetos na relação mãe e filha.

KARIME LIMEIRA

karime limeira,

Mulher negra, artista cênica, acadêmica de filosofia e militante feminista.
“Sem arte não se faz revolução”.

@ *ka_limeira*

EU, MINHA MÃE

karime limeira

Livre inspirado na obra ESTA CRIANÇA.
texto de Joël Pommerat. Tradução de Giovana Soar.

existiremos I

eu vou mostrar pra minha mãe que ela não tinha razão de não confiar em mim
eu não vou
mais ser uma filha de quem a mãe tenha que ficar controlando
eu não vou
mais ser reprimida, depressiva e estressada
eu não vou
mais chorar por nada
eu não vou
ser mais uma filha que fica isolada no quarto ouvindo músicas melancólicas
uma atrás da outra
pela minha mãe eu vou me tornar alguém
alguém que vai surpreender
não terá mais ninguém triste por aqui
então a minha mãe vai se dar conta de que eu sou
ela vai ser obrigada a ver que eu sou capaz de ser alguém
ela vai ver o que sou capaz de fazer
ela não vai poder não enxergar isso
ela vai entender que naquele momento eu já havia decidido
ela vai ver que não é preciso gritar, bater as portas e falar com tanta falta de compreensão
ela vai perceber que não é nada disso
ela vai enxergar que aquela foi minha escolha
ela vai perceber que aquela era minha oportunidade
ela vai saber que deveria ter entendido isso mais cedo

ela vai perceber a conexão que existe entre nossos sonhos
ela vai desejar ter aceitado aquela oportunidade
ela vai recordar aquele não que deu ao seu futuro quando era jovem
ela vai lembrar que um sonho não realizado se torna uma cicatriz
ela vai morrer por dentro
ela vai ver o que eu sou capaz de fazer
ela vai ver o que eu sou capaz de fazer pela minha arte
ela vai despertar e ver que eu sou capaz de fazer melhor do que ela fez por ela
ela vai despertar e ver que eu sou feliz
ela vai despertar e ver como seremos felizes
e que eu darei conta!
(neste momento existe espera, paciência, delicadeza e drama)

existiremos II

eu vou mostrar pra minha filha que tudo que fiz foi por ela
eu não vou
ser uma mãe de quem a filha tenha que ficar preocupada
eu não vou
mais ser super protetora, abusiva e manipuladora
eu não vou
mais gritar por nada
eu não vou
mais ser uma mãe que permite que sua filha fique isolada no quarto
ouvindo músicas melancólicas uma atrás da outra
pela minha filha eu vou me tornar alguém que vai surpreender
não terá mais ninguém frustrado por aqui
então a minha filha vai se dar conta de quem eu sou (olhar sério e silêncio total)
ela vai ser obrigada a ver que eu sou capaz de ser uma mãe melhor
ela vai ver o que sou capaz de fazer por ela
ela não vai poder não enxergar isso
ela vai entender que naquele momento eu já tinha feito uma escolha
ela vai ver que foi preciso gritar, bater as portas e falar com tanta falta de compreensão
ela vai perceber que não é nada disso
ela vai enxergar que aquela foi minha decisão
ela vai perceber que aquela não era a única oportunidade
ela vai saber que um dia eu também passei por isso
ela vai perceber a conexão que existe entre nossos sonhos
ela vai entender que ao não aceitar aquela oportunidade eu aceitei viver pra ela
ela vai recordar tudo que eu fiz foi por ela, por mim e talvez por nós
ela vai perceber que ela é a minha maior cicatriz
ela vai morrer por dentro
ela vai ver o que eu sou capaz de fazer
ela vai ver o que eu sou capaz de fazer pela minha filha
ela vai despertar e ver que eu fui capaz de fazer o melhor por ela
ela vai despertar e ver que eu sou feliz
ela vai despertar e ver como seremos felizes
e que eu sempre dei conta!

DESPEDIDA

victor lucas oliver

Em Despedida, encontra-se Victor, vivendo em um quarto enclausurado. Nesse texto, abandono, solidão, afeto e saudade são trazidos através de diálogos solitários e herméticos de Victor com alguém que está ou esteve atrás da porta.

VICTOR LUCAS OLIVER

victor lucas oliver,

Ator, diretor, produtor, dramaturgo e encenador. DRT (0033409/PR). Graduado em Teatro Bacharelado (2018) pela Universidade do Estado do Amazonas. Atualmente aplica oficinas em Campo Largo onde é conselheiro municipal de teatro (2019). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro. Suas pesquisas e produções artísticas estão direcionadas ao tema de oficinas teatrais, preparação corpo-voz do ator/atriz e estudos teóricos/práticos em processos criativos. É cofundador do Coletivo Experimental de Teatralidades (CETA) e possui mais de 40 produções artísticas/culturais sendo 10 contempladas em editais municipais, estaduais e nacionais.

@ victorlucasoliver

DESPEDIDA

victor lucas oliver

Quarto pequeno.
Luz branca.
Som de relógio (tic tac).
No quarto, à direita, encontra-se uma porta. Na frente dela, uma mesa pequena e branca em formato retangular. Em cima da mesa, uma xícara preta, um relógio pequeno com ponteiro que não se mexe, mas faz barulho e um pano branco rasgado pendurado.
À esquerda, uma cadeira preta suja.
No chão, ***Victor*** *dorme sob um lençol preto e velho.*
Na parede, quadros com fotos velhas.
Victor *começa a despertar chateado com a luz, tira o lençol do rosto, vai para a cadeira e senta-se pensativo. (Pausa) Olha o espaço, vai até a xícara e olha com desprezo. Vai até a luz na frente da cena e tenta ver o que há lá fora. Não vê nada. Volta. Olha ao redor. (Pausa) Vai até a porta, bate na porta, ninguém responde.*

Victor - *(Pensativo. Triste)* Terminou, *(Boceja)* tudo o que estava aqui terminou, *(Olha ao redor)* Eu ouvia sons pelo espaço. *(Pausa)* Misturavam-se e tornavam-se felicidade. *(Leve sorriso. Pausa)* Às vezes brigas, às vezes amor, às vezes risos e às vezes era só às vezes, que pena! *(Pausa)* Deveria ter aproveitado mais. *(Pausa)* Agora, os sons diminuíram até sumir. Não há mais nada por aqui? *(Pausa)* É hora de esperar a minha vez!

Blecaute.
Volta a luz do sol mais forte.

Victor - *(Cobre as pernas com o lençol)* Eu aguentei tanto, mas tanto tempo. Se volto a pensar, da raiva... *(Pausa)* Que frio! *(Pausa)* O dia aqui começava assim, eu ouvia do meu quarto você abrir as janelas de fora, merda de quarto! Não tem mais cortina!? *(Pausa)* Odeio tanto essa luz. Sabe, por que insiste em dizer que já está na hora? E se não tiver? Eu não estou pronto para isso! Estou fraco, ainda me sinto só. Merda, não quero ter forças! Eu quero sentir a dor porra. Minha dor não única, mas é minha, e não dói só meu coração, dói o corpo inteiro.
Victor senta-se perto da porta e bate (Silêncio) Ninguém responde (Pausa).

Victor - Que merda esse cheiro de café, *(Pausa. Pega a xicara de café. Olha dentro da xícara)* Odeio café! *(Pausa)* Você está aí? Sempre com essa mania péssima de tomar café às cinco da manhã e não lembrar de mim.

Bate na porta várias vezes, ninguém responde.

Victor - *(Pensativo. Irônico)* Sabe, eu estive pensando sobre o quanto eu odeio café! O aroma ruim e esse gosto amargo. Lembra você! *(Ri)* Só tem isso para tomar agora? Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde.

Victor - Hein? *(Irritado)* Odeio quando não me responde! *(Pausa. Pensativo)* Aqui está acabando o café. *(Pausa. Pensativo olhando a xícara)* Sabe, você me perguntou naquele dia o por que eu não gosto de café, e falou ainda que me viu fora de casa tomando, isso não é verdade! *(Pausa)* Quer saber a verdade mesmo? É esse cheiro. *(Pausa)* Lembro de você, por isso eu não gosto! Nem você gostava, só gostou por conta dos outros. *(Pausa)* E outra, é mentira minha também que tenho alergia! Nunca tive alergia a cafeína, como você acreditou nisso, hein? *(Pausa)* Inclusive, não tem outra bebida aí?

Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde.

Victor - Não? Por que não fala hein? Ainda com essa chateação antiga comigo por que falei mal do seu café? Jura? Você é tão sensível. Você sempre foi assim, eu me lembro bem. Ah, pela fé, viu. *(Vai até a porta. Agradável)* Olhe, esse restinho de ontem está até bom. *(Coloca a orelha da porta)* Cadê esse sorriso lindo, hein? Mas não fique muito feliz não, viu? *(Pausa. Animado)* Sabe o que lembrei agora!? Daquele dia que a gente queria comemorar! *(Ri)* E tentamos fazer algo diferente, deu tudo errado.

Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde.

Victor - Aquele dia foi muito legal, você está rindo aí? Não? *(Melancólico)*.

Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde.

Victor - Faz tempo que você não ri. *(Pausa)* Quer que eu faça algo por você? Posso arrumar a casa daquele seu jeito!

Victor pega o pano e começa a limpar os objetos de cena, começa pela cadeira cantarolando.
Blackout.
Acende a luz.
Depois passa para os quadros.
Blackout.
Acende a luz.
Em seguida passa o pano na mesa e limpa o vaso com muito carinho.
Blackout.
Acende a luz.
Victor aparece em cena cansado, sentado em frente à porta.
Luz fraca.

Victor - *(Recordando)* Esse pano é a sua cara! Na verdade, tudo aqui se parece com você! Sinto sua falta, de antes, sabe? De como você era, cuidava de mim com esse pano, certo? Você fica tão sensível quando falo disso, sempre fica esse silêncio. *(Pausa)*

Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde.

(Carinhoso) Você ficava tão feliz quando eu arrumava a casa.

Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde.

Victor - *(Irritado)* Costumava dizer ao menos um obrigado. *(Bravo)* Má educação, viu. Limpei para você e não recebo um "valeu", a casa não é nem minha! *(Mais irritado)* A verdade é que você nunca me agradeceu por nada, sempre me jogando as coisas na cara. *(Desdenhando)* Que você fez isso e aquilo por mim! É a sua obrigação, você cuidou de mim.

Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde.

Victor - Você sempre fica nesse silêncio, toda vez que brigamos, se faz de vítima! Te conheço bem, deve está ai, como sempre desdenhando as coisas que falo. Odeio você. *(Bate na porta)* Eu te conheço! Não faz essa cara! Eu sei que você está fazendo aquela cara!

Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde.

Victor - Eu te conheço! Não faz essa cara! *(irritado)* Eu sei que você está fazendo aquela cara!

Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde.

Victor - Que horas são? *(Pausa)* O relógio parou mesmo. *(Victor se aproxima para olhar o tempo)* Vejamos... pelo tempo, deve ser 20:30. *(Pausa. Animado)* Hora do café! *(Victor pega xicara e toma, percebe que não há nada, deixa a xícara em cima da mesa e vai para a porta. Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde. Irritado).* Acabou o café! Cadê o café? *(Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde)* você não fez nada hoje! Antes você fazia. Pra você não estar respondendo aí, deve ter acabado. *(Irritado)* Não acredito que você acabou o café! Mas também, você toma um pacote de café por dia, claro que ia acabar mesmo. E agora! *(Pausa. Triste)* Não há mais café. *(Victor olha para frente e fica triste)* Você me maltrava tanto. Você me fazia ir sempre comprar café, todos os dias. Eu tinha ódio, acordar cedo para comprar esse maldito café! Sem mim você não é ninguém, sem mim você não tem nada! *(Pausa)*. Esse barulho é de chuva? Está chovendo?

Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde
Blackout.
Acende a luz.

Victor - Sabe o que eu lembrei? Daquele dia que você me abraçou forte. Foi em um feriado, era domingo, você gostava de abraços? Lembro de você me abraçando quando eu era pequeno. Você deve estar sorrindo daquele jeito, aquele seu sorriso pequeno, você está rindo aí? Você sempre ria quando falávamos de abraços.
Bate na porta várias vezes. Silêncio. Ninguém responde.

Victor - Te conheço bem! *(Victor se aproxima da luz)* Já está tarde, estou cansado de tudo isso. *(Victor vai para o chão próximo a porta e se cobre com o lençol)*. Você não vai me colocar para dormir hoje? *(Pausa)* Não vai ter nenhum beijinho de boa noite? Nenhuma música? *(Pausa)*

Bate na porta de uma forma delicada várias vezes. Silêncio. Ninguém responde.

Victor - Por que não ouço mais você? *(Pausa)* Você ainda está aí? *(Pausa)* Você não foi embora, certo? Você sempre dizia que um dia iria embora. *(Pausa)* Ah, tudo bem você não me responder... A gente já teve muita conversa hoje! *(Pausa)* Eu disse algo ruim? *(Enquanto Victor fala a luz diminui)* Você está aí? Até amanhã? Boa noite!

Blackout.

INEBRIANTE

brigitty zelinski

Em um sonho no fundo daquela gaveta sem chave é possível sentir o gosto do mar escuro, ou mesmo mergulhar em lembranças esquecidas. É no sonho que ele vem, afinal, foi num sonho que vivemos, e somente os sonhos são bonitos, ou não.

BRIGITTY ZELINSKI

brigitty zelinski,

Aquariana, gosta de ressignificar as realidades através da sua imaginação fértil. Tem dias que é bem mau humorada, mas dentro de si encontra a própria morada. Sonhadora demais, curiosa, cheia de ar, viva e muito intensa. Ela interpreta personagens que são dadas como presente do universo. Adora rádio, inclusive é garota de programa de rádio. É arte educadora, acredita na transformação da educação pela arte, da arte dos encontros, do afeto, da escuta, da vida. Juntas caminham.

@ brigittyzelinski

INEBRIANTE

brigitty zelinski

Cena 1 – Eu, de pé, diante da janela. De frente pra cidade. Um dia frio e nublado. Que tédio!...
Eu tive um sonho. Bem lúcido.

[O SONHO]

[Ouço barulho da chuva, das gotas disputando corrida na janela.]
Normalmente eu tenho sonhado demais e muitos sonhos sempre me confundem.
[Tudo é cinza, faz frio e a sensação é que os dedos do pé estão congelados.]
O cenário é sempre o mesmo.
[Neblina, vista escura, baixa visão. Ouço barulho de automóveis, aviões, pedestres.]
Uma casa branca com vários cômodos, outros ainda sem terminar e eu sempre me perco. Normalmente me acho depois, em outro sonho, onde eu tenho duas casas, uma delas de frente para o mar. E o mar sempre está escuro. A outra casa é no meio do mato.

Cena 2 – Eu, novamente, de pé, diante da mesma janela cujo vidro reflete as gotas de chuva do lado de fora. Estou com fome.
[é quase meio dia e ainda é tudo cinza por aqui]
[estou caminhando]
Essa noite eu tive um sonho. Diferente.
[passos apressados, respiração ofegante, eu sei. Você não existe, é tudo um sonho.]

ACORDEI atordoada, sem entender, um pouco afobada, olho ao redor e percebo que foi um sonho. Um sonho em uma rua de paralelepípedos – PA.RA.LE.LE.PÍ.PE.DOS.
[Na esquina, uma moça alta com um sapato vermelho na mão. Era a única cor diferente daquele cinza, destacava-se aquele vermelho. Me aproximo e percebo que ela usava pernas de pau. De sombrinha e com um lindo sorriso cinza. Seus olhos pareciam uma gota de orvalho. Tão brilhantes! Ela gesticulava com a boca, algo que não conseguia entender.]
Tente FALAR três vezes: paralelepípedos, paralelepípedos, paralelepípedos... Mas que palavra estranha, né?
[Ela me entregou o sapato, me pediu para vestir. E falava coisas sem sentido]
Paralelepípedos.

Cena 3 – Anoitece. A noite úmida e fria adentra a casa que, de repente, se ilumina.
[Fogos de artifícios explodem no céu.]
O FINAL FICA PARA DEPOIS.
AGORA? JÁ NEM ME LEMBRO DIREITO. Foi um sonho em que fazia TANTO FRIO QUE NEM CONSEGUIA SENTIR O QUENTE DA RESPIRAÇÃO!! MEU CORAÇÃO RESSOAVA TONS DE CINZA.
[Me distraí olhando para aquelas luzes que refletiam no céu.]
ÀS VEZES, IIIHH! NEM ME OUVIA! TENTAVA E TENTAVA, MAS NA CALADA DA NOITE APARECIA.
[Volto o meu olhar para a moça de perna de pau. Já não estava mais ali.]

Cena 4 – Mesa redonda. Um vinho e uma taça. Maço de cigarro, cinzeiro. Marca de batom numa gimba deixada na mesa.
ESSA NOITE EU TIVE UM SONHO. COM UM SORRISO ESTAMPADO, LEMBRANÇA DO PASSADO, DO AMOR E DA HISTÓRIA QUE SONHEI.
[Tudo para mim virou saudade.]

Cena 5 – Eu, de pé, diante da janela. De frente pra cidade. Um dia frio e nublado. Que tédio!...
Eu tive um sonho. Bem lúcido.

A MENINA DOS OLHOS TRISTES

solaris

A menina nos confidencia, tendo o céu como objeto de reflexão, memórias de ventania.

solaris,

Além de atriz, poeta e contadora de histórias, é também carinhosa e criativa. É metade brasileira, metade cabo-verdiana, tem ímpeto de criança e vontade de emprestar seus olhos de dias chuvosos ao mundo.

@mayzamor

@verbo.negro

A MENINA DOS OLHOS TRISTES

solaris

Esse texto deve ser dito por uma atriz que tenha passado uma ou duas noites sem dormir. Ter a aparência cansada. Precisa ter um coração pesado e intenso. Angústia. Tem que, no passado, ter brincado de ser grande e hoje ter esperança nos pequenos gestos. Ter traços infantis. Que tenha chorado incontáveis vezes no chuveiro, quase que sentindo falta de si mesma. Tenha aprendido a não ser paralisada pelo medo. Que sinta o medo toda vez. Ter vivido a experiência da depressão. Tem que ter dado longas gargalhadas, aquelas de doer a barriga, e hoje sentir saudades disso. Sentir nostalgia. Um dia ter se sentido só, mesmo não estando sozinha. Solitude. Perdido amigos pelo que foi, mas feito novos pelo que se tornou. Saiba mudar. Que caminha pela rua para recarregar as energias. Goste de refletir. Saiba andar por extremos, aproveita a tristeza como faz com a alegria. Que as vezes não sabe de nada, que as vezes não quer aprender. Que tenha sentido raiva, mostrado o pior lado de si. Que já tenha aceitado todos os seus lados. Tem que ser melhor a cada dia, ou pelo menos tentar. Tem que só almejar o que for importante e ter perdido isso para o mundo. Ter dormido três dias seguidos na tentativa de deixar de existir. Que sempre arruma um jeito de conseguir sobreviver. Conheça suas contradições. Se permite ver a vida acontecer. Que deixa a nostalgia atravessar o seu corpo. Não deixa nada correr de seus olhos. Viver o presente.
Mas, acima de tudo, essa atriz
precisa ser uma menina
dos olhos
tristes.

A cena acontece num lugar de paredes brancas com um projetor que cobre todo o espaço e o corpo da atriz. Ela se encontra no centro, deitada, de roupas igualmente brancas, porém leves, e que acompanham a atriz ao menor movimento. No projetor, há uma imagem de uma vela num canto, ao vento, deixando o ambiente à meia luz. Começa um canto de pássaros. A atriz se levanta como reação:

Não me pesava o tempo, muito menos o coração. Você já andou até o topo de uma rua íngreme, num fim de tarde de um sábado qualquer e olhou para o céu? Não sei se já o fez, e se fez, não sei o que você pode ter sentido. Mas quando encaro o céu frente a frente sinto uma certa paz, como se nada fosse por acaso. Talvez seja, mas eu me lembro de quando me sentia assim, como se não fosse. Sorria alegre com o vento, brincava de ventania e depois pulava em seu colo a procura de preguiçosas histórias sobre pássaros. Não me pesava o tempo, muito menos o coração. *O corpo acompanha o que se fala, como uma dança poética, porém ainda em plano baixo. Movimenta-se como uma criança. A atriz diz o texto como se estivesse conversando com a plateia, se dirige a ela. O projetor aos poucos mostra vídeos da atriz criança, ou outra muito parecida com ela. As imagens ganham o espaço e o preenchem de cor. Uma música instrumental leve começa ao fundo:*

Eu já me senti, eu gostava, era suave. Era tão doce a forma como o simples bastava, e o que só me trazia tristeza era um céu cinza de chuva... Céu, você já reparou no céu num fim de tarde? É divino! Eu carrego um céu cinza em meus olhos, mas por entre a tristeza eu enxergo um lindo pôr do sol que se deita calmo e tranquilo enquanto as nuvens montanhosas o cobrem quentinho, serenos como se fossem uma tela. Você se sente nostálgica? Eu já me senti assim, uma tela pintada por sentimentos rosas, laranjas e uma pitada de azul, um degradê de pura harmonia. Eu gostava, era suave como o vento. *As imagens da criança começam a intercalar com imagens abstratas, e/ou simplesmente cores rosa, laranja e azul. Seu corpo vai aumentando de tamanho conforme a música ganha proporção. Nesse momento, a música entra em seu ápice, assim como o corpo da atriz. Ela ganha o espaço, e mistura o plano baixo, médio e alto.*
Até que tudo para, e fica só a atriz, de pé, no cinza, com som de ventania. Ela olha por um momento para a plateia, em silêncio, e continua:

Não se sobe uma rua sem medo da queda. Hoje o vento desaprendeu a ser suave, já não consigo correr e ele me dá calafrios. *Música. Movimentos e imagens voltam consecutivamente. Agora, somente as imagens abstratas e as cores:*

Mas calma, não se preocupe comigo, lembre-se de mim no topo da rua íngreme, assistindo ao céu como quem assiste à uma obra de arte. Eu preciso que você entenda, por mais que minhas mãos tremam de terror ao convite do céu por uma dança, minhas pernas se recusam a rolar pela rua abaixo, amaldiçoadas pelo acaso. Não. Não se admira um céu por acaso, não se sobe uma rua sem medo da queda.

A atriz faz movimentos mais suaves e concentra sua emoção no que está sendo dito. No projetor, passam imagens da atriz em performance, relacionando-se com a atriz que está e cena:

E não há passado que não me faça. Não é proibido sorrir com olhos tristes. A vida é um aprendizado e o que me interessa é saber se você já aprendeu a gargalhar. Você sente como se estivesse voando? Eu te vejo ao longe no horizonte quando crio um riso solto, por entre as estrelas, porque já deu tempo de anoitecer e seu brilho iluminar a mim mesma. Você é o melhor que eu mereço e não há passado que não me faça acreditar em você.

Enquanto isso, sigo o seu brilho e minhas asas crescem rasas esperando o amanhecer.

As imagens da atriz escurecem aos poucos. O som de ventania reaparece, agora mais suave. A vela também surge e sua luz é apagada pela ventania. Nesse momento, o espaço é invadido por constelações. A atriz volta na posição inicial, deitada no centro.

ESTILHAÇO

willa thomas

Um furo no tempo. O fim da estrada.
O sol se pondo. O corpo virado três vezes no ar.
Você já viu?

WILLA THOMAS

willa thomas,

Atriz formada pela Academia Cena Hum. Em 2019 escreveu uma performance teatral sobre a sua transição de gênero chamada “Fe. Me.ni.no”. Em 2020 escreveu o curta metragem “Mordida”, que falava sobre a solidão da mulher trans. Em 2021 criou o projeto “Travessia Cultural” (@atravaecia), um espaço de enaltecimento de trabalhos e corpos LGBTQIA+. Desde 2020 integra a Cia de Teatro da UFPR.

@ awillathomas

@ atravaecia

ESTILHAÇO

willa thomas

Eu estarei

cansada.

Pegarei o pastel com uma das mãos enquanto mexo no celular com a outra. Sentirei o gosto familiar de pastel aguçando meu paladar. Vou pensar:

- “ess a é umA b oa oportun idade para fazer ummmmm agrado”.

Vou ligar para os meus pais e oferecer:

“vocês também querem um

pastel

des

ses?”

A gente vai demorar alguns minutos para decidir o sabor e o tamanho.

Eu vou aumentar o volume da música. “My biggest enemy is me...” - 911, Lady Gaga. O pastel já suando dentro da embalagem no banco de trás. “Acho que eu vou comer mais um”. Aproveita!

“Posso trocar de música?”

Pode.
Eu vou sentir vontade de fazer um

furo

no tempo. Eu vou sentir vontade de ouvir naquela ligação com meus pais a única coisa na qual eu não prestei atenção:

Eu vou recolocar o vidro na janela. Eu vou colar pedacinho por pedacinho. Eu vou desvirar o nosso corpo três vezes no ar.

Eu vou
des ace

lerar.

Onde foi que eu err
ei?

Eu vou enxergar o fim.

da estrada. O sol se pondo.

Você já v iu?

Eu vou ser levada usando no pescoço uma daquelas coisas que usa quem tem a vida capotada. Eu vou olhar pro sangue que pinga lentamente na borda do pastel.

Ou não?

O meu pai vai dizer: “qualquer outro cenário que não fosse esse teria sido terrível”. Eu vou recriar todos esses possíveis cenários toda noite na minha cabeça. O meu pai vai dizer “eu sempre pensei que essa coisa ia acabar.

te matando.” Eu vou dizer “porque foi que eu não ouvi maais

ele?”.

Alguém vai dizer “olha, mesmo que você tivesse ouvido ele, as coisas teriam acontecido do mesmo jeito. É o destino.” A minha psicóloga sempre diz que não existe essa coisa de destino, que é a gente mesmo que se coloca nas situações. “O meu nome é este, e eu quero ser tratada desta forma”, eu vou dizer. Porque agora isso é tão mais fácil de enfrentar perto do que acabou.

vó

(de acontecer). “Eu tenho certeza que foi a quem te salvou”. Minha mãe.

“Tem agora é que agradecer, porque vocês ganharam uma segunda chance, renasceram.”
“Eu preciso te pedir desculpas”

“Não, não precisa”

“Preciso sim, a culpa foi minha”

“A última coisa que eu quero agora é que você sofra por isso ou se sinta culpada”

“Pois eu não sei se eu te dou um tapa na cara ou te agradeço”

Eu vou abraçar uma mulher que chora enquanto conta como é ter uma filha que

C
A
I
!

Como é ter uma filha que guarda um pedaço de vidro embaixo da pele, logo abaixo do cotovelo esquerdo? Uma filha que lava os cabelos, que desembaraça os nós, e que vê a água escura escorrendo pelo ralo. Como é?

Eu vou.

Vou entregar aquele past el. Sem san gue. Eu vou entregar o pas tel pro meu pal, ele vai comer e vai dar risaharsrkkhada enquanto a gente tenta encontrar algo de normal nisso tudo.

Eu vou me distrair com as faixas do meu braço. Eu vou imaginar como seria chegar em casa ilesa. Eu vou rezar antes de dormir para agradecer.

A primeira reza depois de anos.

Eu vou pedir que nada se que brrre dentro de mim enquanto eu d urmo

Eu vou tentar ou

vir cada detalhe do que eles falam pra mi

m

como quem ouve uma ci

gana que lê o fu turo.

Eu vou tentar

falar mais

eu amo vocês.

Eu vou tentar

pegar a mala que um estranho resgatou do meio da lataria amassada

eu vou abrir vou revirar e vou encontrar

no meio das roupas sujas

um pastel ainda embalado.

Eu vou abrir o papel. Vou pegar o pastel com uma das mãos, vou pegar um prato de vidro azul com a outra e vou entregar o pastel pro meu pai.

*Com maionese, porque eu sei que é assim que ele gosta.

Nós vamos sentar ao redor da mesa, vamos agradecer por estarmos presentes e vivos, e vamos comer o pastel enquanto.

Eu vou abrir a porta,

Eu vou abraçar os meus pais

E vou esquentar duzentos pasteis em duzentos micro ondas todos-os-dias.

Eu não vou

fazer.

Eu faço.
[Quadro. Pista vazia. Agora sim, vazia. Um banco. Um prato de vidro azul, e um pastel. Eu não consigo ver se ele já está mordido ou não. Será que aquilo ali é a luz ou realmente caiu um pouco de sangue agora seco?

“pode ser um de frango e um de carne. Completo. Com ovo. Ah,

e

Willa!

vem

sem

pres sa

por fa

vor.

ANSEIO

patrícia ressurreição

Após seu primeiro teste em uma companhia de dança, ela busca lidar com seus medos e anseios a partir de uma reflexão sobre sua própria existência.

PATRÍCIA RESSURREIÇÃO

foto: Tatiane Meissner

patrícia ressurreição,

Natural de Maringá, sonhadora, artista que nas horas vagas gosta de andar de patins no parque. Produtora Cênica, atriz, modelo e apresentadora.

@ *patriciaressurreicao*

ANSEIO

patrícia ressurreição

Na privada hoje de manhã, lembrei de um dia nostálgico... Em minha rede comprada em viagem para Salvador, deitada com o livro da Clarice aberto em meu peito, parei em algum daqueles poemas que nos deixa entre nuvens, e foi exatamente aí.

Milhões de questões, coração acelerado, respiração rápida, pensamentos sem nexo, sinto Ela chegar. Aquela monstra com quem brigo todos os dias, "a impostora", maldita impostora me jogando para baixo.

Dias atrás, fiz um teste para uma Companhia de Dança muito famosa daqui. Foi perfeito. Mente no lugar, cabelos bem presos, roupas confortáveis, movimentos muito bem executados, mas aquela voz veio de mansinho, baixo, sussurrando em meu ouvido:

- Você não vai conseguir! Lembra daquela garota com a pirueta perfeita?! Então, ela é melhor que você, você nunca estará preparada.

Levantei furiosa, fui para o quarto pisando forte, bati a porta, disse em voz alta:

- Não era eu, era ela. Ela é. Ela é uma personagem, uma personagem dentro, dentro disso, dentro da minha cabeça. Ela.

Meu maior sonho aos 10 anos de idade era ter alguém para brincar, dividir meus brinquedos e comidas, emprestar roupas, ouvir uma voz que não fosse a minha. Fui ouvida, ganhei um irmão, minha felicidade não cabia em mim, passava horas do meu dia pensando como seria viver com alguém 24 horas e, finalmente, perder aquele título de "filha única" pra sempre.

Será que a vida é como queremos ou imaginamos? Criar expectativas na vida pode se tornar uma frustração ou erro?
Ele se parecia comigo, mas não gostava de conversar, brincar com as outras crianças, se isolava, até comigo que o carregava no colo. Depois do divórcio dos meus pais a situação mudou para sempre. Não somos amigos, confidentes, parceiros, ele construiu seu próprio mundo sem mim. Até tentei.

Já tentei me relacionar, Ele se dizia um cara legal, sabia que estava frágil naquele momento e me mandou mensagem, como em um passe de mágica estava em sua companhia. Ele com sotaque estranho, foi então que descobri que não era daqui. De tudo, o que mais me agradou foi sua personalidade e inteligência, acompanhadas de um corpo esbelto pintado à mão. Definitivamente, entrou em cada célula do meu corpo e se instalou como um vírus sem cura. Garoto, você abalou minhas estruturas. Nosso tempo se desgastou e o beijo não era o mesmo do início, o abraço era sem força e o sorriso não era de felicidade. Ficar nu já foi mais sexy ou engraçado.

Quando deixou de me amar? Aliás, chegou a me amar algum dia ou algum segundo? E Ela, Ela aparecia nesses momentos, torturando mais uma vez, suspirando em voz baixa:

- Ele não te quer, querida! Ele só está te usando, fofa! Você não merece ser amada, você nunca será amada! Você nem se quer merece ele!

A impostora já foi boazinha e sorridente por muito tempo, cansou, cansou de dar amor e não ser amada, cansou de dar tudo de si e nunca ser retribuída pela vida. Agora Ela prefere ser odiada, cansou de ser o cordeiro e virou lobo. Antes eu não dava ouvidos. Com o passar dos anos ela foi crescendo, desenvolvendo, se tornando um monstro disfarçado com vestidos largos e longos, vermelhos, cabelos médios, com uma voz rouca, de quem não para de fumar. Afinal, de quem estamos falando? Às vezes acho que sou Ela, mas eu sou uma mulher, negra, cabelos castanhos, crespo, médio, magra, tatuada em vários lugares do corpo; uma mulher que, desde nasceu, é sonhadora, pensa sempre o melhor e acredita muito na vida. Que veio de uma família humilde do Norte e nunca quis ser rica, apenas viajar pelo mundo. Seu sonho era ser amada pelos seus pais, encontrar pessoas que pudessem amar seu coração sem magoá-lo, traí-lo.

Ninguém pode ser só luz o tempo inteiro. E quando a escuridão chega, o mundo muda. Nem sempre era bom, na maioria das vezes é solitário e vazio, um prato cheio pra Ela se esbaldar, é quando ela vem, com seu andar calmo, sorrateiro, seu sorriso cínico.

Deitei na cama olhando para o teto desejando morrer. Desce a primeira lágrima. Respirei fundo, sem saber o que fazer ou pensar. Viro para o lado e vejo algo rosa com formato de coração. Paro. Olho por alguns segundos, relembro como aquele objeto chegou ali.

Lorenzo Thompson é um amigo que o destino trouxe. Nos conhecemos um pouco antes de ele subir ao palco em seu último show antes da pandemia. No meu aniversário dos 26 recebi uma mensagem escrita: *nos próximos dias uma surpresa vai até sua casa*. O coração cor de rosa. Um afeto pessoal. Relembrar essa história reviveu a sensação de ser amada, a importância da minha existência, e toda vez que olho, lembro o quanto sou linda por fora, por dentro.

Dessa vez consegui dar a volta por cima. Nem sempre é assim... Na maioria das vezes acabava sozinha na cama chorando até dormir, me sentindo, me dizendo, me culpando numa imagem deprimente e estúpida. Também não há paz em assumir um estado de dor.

Tive um sonho. Não Ela, eu. Eu sonhei que estava parindo um bebê. Eu estava em um hospital. Eu na sala de parto e a médica pediu para aguardar. Eu não estava dilatada o suficiente. Quando ela disse isso, eu estava em pé segurando algo, muito nervosa. O pai estava chegando, chegando, chegando, diziam, chegando. Eu senti a cabeça do bebê saindo, olhei para doutora e disse que não dava mais pra segurar. Nasceu a menina mais linda que já vi na vida! Ela olhava para mim, sorria e senti um amor que jamais tinha sentido na vida. O pai chegou e viu aquele bebê tão pequeno, vi nascer o amor. Lembro de me sentir insegura com o pai, um receio dele não amar o bebê, de rejeitá-lo. Mas aquele olhar, aquele olhar de afeto, carinho, amor, retirou qualquer dúvida que poderia existir. Eu pareço o quê dizendo isso? Pareço Ela nesse momento? Ao compartilhar isso com minha terapeuta, vi em seus olhos a esperança, naquele momento não entendi o porquê, foi então que ela calmamente me disse:

- Perceba, apenas perceba o significado das palavras nascer e renascer.

Aquele bebê que saiu de mim era eu mesma, só que, desta vez, eu me amo, eu mesma supro o amor de dentro de mim. Chorei, chorei, e pelo menos uma vez senti a plenitude me engolir.

e-Book

REVIRAVOZ

TEXTOS.SOLOS.CURTOS

textos

MAJO FARIAS
ROMÁRIO NASCIMENTO
RÚBIA RODRIGUES
SILVESTER NETO
MARIA VELOSO
YASMIN MENA
ANDRÊ FRANCISCONI
STEPHANE BACELAR
MARLON ROGER
MARIANA CARRETA
JULIANA JANEIRO
KARIME LIMEIRA
VICTOR LUCAS OLIVER
BRIGITTY ZELINSKI
SOLARIS
WILLA THOMAS
PATRICIA RESSURREIÇÃO

organização

RAFAEL LORRAN

design e diagramação

THALES FERREIRA PANKE

arte gráfica

RODRIGO QUEIROZ

ISBN: 978-65-84565-12-8
CBL
9 786584 565128

UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PROEC
Pró-reitoria de Extensão e Cultura

COMPANHIA DE TEATRO DA UFPR